

RITUALISTICA



Apostila de RITUALISTICA

Wellington Corporation

Inaugurando um novo *CAPITULO* para o ensino do Evangelho.

(jogo de palavras proposital para brincar com os maçons)

Ritualística, é a partir deste instante, a ciência do significado último dos gestos de Jesus, realizados em seu ministério.

Os sacerdotes da antiguidade realizavam atos litúrgicos, ou atos cerimoniais na celebração dos seus diversos ritos. As cerimônias das religiões da antiguidade são repletas de atos que representam coisas, realidades, sentimentos, operações espirituais. O sentimento das coisas divinas, a representação do mágico, do sagrado, do inefável, do espiritual é representado através de gestos, de danças, de rituais que se repetem nos cultos. Damos o nome de liturgia aos atos, cenas, representações, que se repetem num culto. A igreja católica realiza seus cultos orientada por atos litúrgicos, onde praticamente todo o evento religioso é feito de rituais seculares. Por liturgia nós denominamos todas as práticas que se repetem nos cultos de milhares de religiões ao redor da terra. Mesmo os cultos de igrejas evangélicas possuem uma liturgia, ainda que de caráter reduzido, havendo uma liberdade maior para o improvisado, para o ato de culto espontâneo. Muitas liturgias de diversas religiões têm herança imemorial, não se conhece a fonte de suas tradições; muitas vezes se perdeu até o seu significado original. O ser humano é uma criatura LUDICA, ele vive sua vida cercado de pequenos rituais, representações, seja no ato de celebrar a vida, no ato de presentear, até nas tradições de vestir-se de acordo a determinadas ocasiões, as tradições de alimentação, os protocolos das relações sociais, tais como a paquera, o namoro, o noivado. Mesmo dentro das organizações, das empresas, das instituições temos essa esfera LUDICA, atos, cerimoniais, celebrações e gestos, presentes da emissão do crachá, a celebração de um cargo gerencial, da recepção de um novo empregado, até a mudança do setor, em que determinadas cenas vão se repetir e ser reconhecidas por toda a comunidade daquela empresa e até sendo comum a todo e qualquer ambiente de trabalho. Nos K-dramas é comum após o afastamento de um profissional a caixa de papelão sendo carregada com os pertences pessoais. A caixa de papelão representa a saída, a vergonha da demissão, ou o orgulho da ascensão quando o profissional assume um cargo superior. Carregar a caixa simboliza "mudança". Então temos o presentear com flores a namorada, o buque de flores sendo lançado as convidadas na festa do casamento, a troca de posição do anel da mão direita para a esquerda, ou um novo anel sendo colocado pelo noivo na noiva e vice-versa, sinal de compromisso nos costumes de casamento ocidental, etc.

Na esfera das relações sociais os gestos das pessoas investidas de três cargos ou títulos, e uma decorrente da posição social, possuem especial valor: **O gesto do rei, o gesto do juiz, o gesto do sacerdote e o gesto do nobre**. As três primeiras por causa da autoridade investida nos cargos, a autoridade de governo, a autoridade de julgamento, a autoridade espiritual e essa última pela autoridade ou domínio econômico. Os gestos dos nobres eram imitados por toda a pirâmide

social, como ainda é até os dias modernos. Nossos comerciais e propagandas promovem o modo de viver dos ricos, o que tocam se transforma em ouro, suas vestes são o desejo de consumo de toda a sociedade, o que usam se tornam ícones de desejo. A moda é influenciada pelas pop stars, pelas atrizes que vendem ou comercializam tudo que vestem em eventos sociais, em filmes e novelas.

Porém nosso escopo em RITUALISTICA é o gesto SACERDOTAL, aquele que desenvolve significados espirituais.

A maçonaria dá o nome de RITUALISTICA ao estudo dos rituais praticados em suas diversas ordens. Inclusive tem um vídeo muito engraçado que eles usam para ilustrar a importância dos rituais para diversas ramificações de ordem maçônica.

https://www.youtube.com/watch?time_continue=241&v=eqOYk6iHnNU

Estaremos usando o termo RITUALISICA não para estudo de RITUAIS de forma genérica, contudo, aplicado **aos gestos de Jesus dentro do contexto das Escrituras.**

“O lúdico acompanha cada ato de Cristo, cada gesto, cada ação, todas coreografadas como numa excepcional performance divina.”

Wellington José Ferreira

“Gestos simbólicos são ações que têm a mesma função do símbolo, isto é, nos transportam para outra dimensão, outra realidade, que porém tem relação com o gesto simbólico.” [Coroinhas de Natividade](#)

“Mas o que é o gesto? Gesto é o movimento corporal próprio das articulações, principalmente dos movimentos corporais que são realizados com as mãos, braços e cabeça, este gesto é diferente do que denominamos gesticulação, já que a gesticulação é um movimento anárquico, artificioso e inexpressivo. Foram identificados e classificados pelos investigadores cinco tipos de gestos: a) **gestos simbólicos ou emblemas**; b) gestos ilustrativos ou ilustradores; c) gestos indicadores do estado emocional; d) gestos reguladores da interação; e) gestos de adaptação ou adaptadores.

Os gestos simbólicos ou emblemas, são sinais emitidos intencionalmente, o seu significado é específico e muito claro, já que representa uma palavra ou um conjunto de palavras bem conhecidas, como por exemplo, levantar o polegar para cima.

Os gestos ilustrativos ou ilustradores ocorrem, durante a comunicação verbal e servem para ilustrar o que se está a dizer. Qualquer tipo de movimento corporal que desempenha um papel auxiliar na comunicação não verbal, é um ilustrador.

Já os gestos indicadores do estado emocional, são semelhantes aos ilustradores no sentido em que também acompanha a palavra, mas difere no aspecto que este tipo reflete o estado emotivo em que se encontra a pessoa. Através deste tipo de gestos expressa-se a ansiedade ou a tensão do momento.

Gestos reguladores da interação, são movimentos produzidos por quem fala ou por quem ouve com a finalidade de regular as intervenções na interação. Os gestos reguladores mais frequentes são as inclinações de cabeça e o olhar fixo.

Por último, os gestos de adaptação ou adaptadores, são gestos utilizados para esconder emoções que não queremos expressar. São utilizados quando o nosso estado de ânimo não é compatível com a situação inter-relacional.

(Gestos e seus significados, a página da Educação on line)

A nível pedagógico vamos tratar, ao menos na maioria, dos gestos cinésicos, simbólicos, que Jesus realizou.

Os atos de Jesus são repletos de significados proféticos, que traduzem atos em três esferas principais, a jurídica, a de governo e a sacerdotal

Jesus ia passando por todas as cidades e povoados, **ensinando nas sinagogas, pregando as boas-novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças.**

[Mateus 9:35](#)

Nesse verso estão presentes essas três esferas, acredite em mim. Reino, Sacerdócio e Juízo - (pois já o príncipe deste mundo está JULGADO, e logo suas obras ilegítimas e ilegais estavam sendo destruídas – por isso a expulsão dos demônios, desalojados por ordem judicial).

Visão preliminar do gesto simbólico a partir do EGITO

O Espírito de Deus *dança* sobre os símbolos do antigo Egito nas Escrituras. Quando Sunamita dançar diante do rei Salomão, o fará dentro do contexto de uma belíssima poesia cuja estrutura é dos antigos poemas de amor egípcio. E na canção de Cantares, ela estará poeticamente dançando diante das demais princesas e concubinas de Salomão, na dança de Maanaim. E certamente ali estaria revoltada e exaltadíssima e morta de ciúmes, uma princesa egípcia, uma das primeiras esposas políticas ou de arranjo de Salomão. Do início da poesia cantada a uma israelita até seu final Salomão tomará de empréstimo a todos os preciosos bens e valores egípcios, incluindo a liteira e os cavalos de Faraó para elogiar a Sunamita, numa declaração de amor que certamente uma moça egípcia daria um rim para ter ouvido da boca de seus namorados. Quando Salomão compara Sunamita as éguas de faraó, estabelece um vínculo poético e profético com profundas e caras representações às dinastias egípcias de todas as eras.

Jesus será tudo aquilo que nenhum faraó jamais alcançaria. **Realizará todos os feitos imaginários e realizará literalmente todos os atos mágicos, míticos e religiosos imputados aos faraós da antiguidade.** Os faraós ansiavam a eternidade mais que outra coisa qualquer. E ele ressuscitaria com ajuda de outros por meio de rituais mágicos para encontrar-se com um juízo divino no qual mentiria desesperadamente, para conseguir o direito de um dia se tornar uma estrela na vastidão celestial. A preservação do corpo pela mumificação era parte preciosa do processo, pois sem o corpo ele não poderia acordar no reino do além. O coração do faraó era substituído por um escaravelho-coração, um amuleto, para evitar que seu próprio coração se levantasse, revoltado contra ele, o contradizendo diante do tribunal de Osíris. Jesus não necessita de substituir seu coração por nada, pois seu espírito é perfeito. Não necessitava de aprovação de ninguém porque já tinha alcançado a perfeição espiritual e a aprovação divina ainda no início de seu ministério quando a voz divina declara:

este é meu filho amado, a ele escutei". O faraó assumia uma identidade divina que jamais possuiu, acrescia nomes das divindades tutelares para exaltar sua pessoa, para ratificar sua ascendência divina, falsa, enquanto Jesus trazia desde nascimento a grandeza e a honra divina, a verdadeira natureza da divindade, porque o verbo se fizera carne, e habitava entre nós. Os atos de faraó representavam domínio sobre a natureza e o caos, **repetia rituais todos os anos como se por sua causa exclusiva o Nilo produzisse as cheias**, em celebrações de auto-glorificação como se dominasse sobre o caos como Deus. **Contudo é Jesus que ordena: Mar, quieta-te! Vento, cala-te!"** e estes lhe obedecem. **Jesus demonstrou em vida o poder representado de modo fictício, mítico e teatral por faraó**, personificando em verdade aquilo que era somente uma ilusão de grandeza egípcia. Os atos de faraó o tornavam escravo de sua religião, pois já que não possuía a perfeição moral ou espiritual a representava através de atos cerimoniais. **A religião transformou em alegoria o que para ela era impossível realizar, o aperfeiçoamento do espírito humano**. Os cerimoniais realizados meticulosamente, concediam aos seus realizadores a aceitação divina. Vários reis da antiguidade eram vigiados de dia e de noite, seus atos eram representativos, suas roupas possuíam cores e padrões imutáveis, seus passos eram contados, suas palavras e a atos controlados por sacerdotes. Faraó significava palácio. E ele era na verdade um escravo de sua própria condição e casa. Era um prisioneiro do palácio. Jesus também teria **seus atos medidos, não pela religião, mas pelo Espírito de Deus**. Cada palavra, cada gesto era fruto de uma antiga profecia, suas palavras não eram mantras ou escritos de livros mágicos, mas provinham do próprio Deus. Não havia um script escrito, **mas cada ato e palavra eram cheios de significados e refletiam uma solenidade tremenda porque o evangelho na boca de Cristo mudava o universo inteiro**. O faraó imaginava poder controlar poderes espirituais, **mas foi Jesus que manifestou na terra a verdadeira Autoridade sobre os espíritos**. O faraó e a religião egípcia ansiavam a possibilidade de voltar a viver espiritualmente dentro do reino dos mortos através de artes mágicas e rituais que poderiam despertar o morto no outro mundo. Mumificado o faraó dependia da intervenção de um filho que lhe abrisse a boca por meio de um instrumento para ter voz, para abrir seus olhos no mundo espiritual. Para isso não poderia perder seus ossos, não poderia reviver, ainda que num universo paralelo, sem a intervenção mágica e humana. O cerimonial da abertura da boca na terra, dentro do túmulo que era a pirâmide, deitado e amarrado no sarcófago era a possibilidade de retornar a viver, mesmo que uma outra vida. **Jesus não teve seus ossos tocados. Não teve um cerimonial de enterro. E não necessitou que abrissem sua boca para ter voz em outro mundo**. Porque ele mesmo abriu sua boca no meio do mundo humano, e proclamou segredos inauditos de um lugar celestial. E não necessitou que houvesse intervenção humana em sua morte, pois acima de tudo que uma religião ou mago egípcio poderia esperar, **ele voltou por seu próprio poder do reino dos mortos ao terceiro dia**. E voltou de um modo tão definitivo que a morte nunca mais poderá tocá-lo. Quando Jesus pede peixe e come após sua ressurreição, quando lhe dão um favo de mel e ceia na frente

de seus discípulos vai de encontro a aspiração de uma vida no além na qual os egípcios, nos campos elíseos poderiam voltar a respirar e a comer.

Faraó é tido como o grande guerreiro, nos túmulos estão exaltadas para sua memória as grandiosas batalhas. Suas derrotas, porém, não são nomeadas. Jesus então também vencerá. Vencerá a maior guerra de todas, a da salvação humana, contra o pior inimigo de todos, o reino das trevas e até mesmo a própria morte será vencida no dia de sua ressurreição. Os faraós necessitavam de feitiços, conjurações e mágicas para proteção de suas almas. Eles criam no poder mágico da Palavra. Imaginavam o poder criador da palavra de seus deuses. A palavra de Jesus é o que basta, não necessitando de feitiços pois ele mesmo é a fonte de todo o poder, sendo ele UNGIDO, tem autoridade sobre poderes, sobre enfermidades e sobre todas as coisas. Os antigos egípcios imaginavam que se conhecessem os nomes secretos de suas divindades, coisa que só determinados sacerdócios ou deidades tinham acesso, poderiam controlar os deuses. Em Apocalipse é Jesus que declara que por sua própria vontade e como recompensa manifestaria algo que até este momento não sabíamos da existência, um nome que ele possui e não temos ciência. **Jesus declara a si mesmo como portador de um nome secreto, a similaridade das deidades do Egito.** Mas, **seu nome público é suficiente** para manifestar toda sua autoridade. Os faraós colocavam o nome de suas divindades em seus nomes, para enaltecerem a si mesmos, para legitimarem-se como divinos, como parentes da divindade tutelar vigente.

Porém, é Deus que nos adota e nos torna co-herdeiros com Cristo, nos tornando espiritualmente parte de sua família, **nos concedendo um sobrenome celestial.**

As bênçãos de seu pai são superiores
às bênçãos dos montes antigos,
às delícias das colinas eternas.
Que todas essas bênçãos repousem
sobre a cabeça de José,
sobre a fronte daquele que foi separado
de entre os seus irmãos.

Gênesis 49:26

O que a religião egípcia representava como anseio humano, é concedido gratuitamente á Igreja de Cristo por vontade de Deus.

O Nilo era a fonte da vida para o Egito, Cristo é a fonte da vida para o mundo inteiro, e a partir dele, da fé nele, rios de água viva fluem do interior de quem nele crê. Seu poder nos faz Nilos.

Os egípcios chamavam seus hieróglifos de "palavras de Deus" e reservavam o seu uso para fins de exaltá-los, como se comunicar com divindades e os espíritos dos mortos por meio de textos funerários. Cada palavra hieroglífica representava um objeto específico e encarnava a essência do objeto, reconhecendo-o como divinamente feito e pertencente dentro do grande

cosmos. Através de atos de ritual sacerdotal, como a queima de incenso, o sacerdote autorizava que espíritos e divindades lessem os hieróglifos decorados nas superfícies dos templos. Em textos funerários do início e após a XII dinastia, os egípcios acreditavam que desfigurar, e até mesmo omitir certos hieróglifos, trazia consequências, boas ou más, para o ocupante falecido de um túmulo cujo espírito contava com os textos como uma fonte de alimento na vida após a morte. Mutilando o hieróglifo de uma cobra venenosa, ou outro animal perigoso, removia-se uma ameaça potencial. No entanto, a remoção de todas as instâncias dos hieróglifos que representam o nome de uma pessoa falecida privaria a alma dele ou dela da capacidade de ler os textos funerários e condená-la a uma existência inanimada.

Jesus nos manifestará a palavra da vida. Sua palavra é espírito e Vida, sua palavra é aquela que VIVIFICA o ser humano porque suas palavras são verdadeiramente revelação divina, são palavras do próprio Deus Vivo. Porém os paralelos com as Escrituras são muito mais abundantes do que uma primeira leitura pode revelar. **Jesus é como um hierógrifo que sai de uma parede**, ele é a representação mais perfeita da divindade tanto que é denominado em Apocalipse de "a Palavra de Deus". Os discípulos dizem que suas mãos tocaram na "Palavra da Vida".

I Jo 1. 2 O QUE era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e o que nossas mãos tocaram da Palavra da vida, 2 (Porque a vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificamos dela, e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai, e nos foi manifestada).

A mágica do Egito, fruto da ficção religiosa, do misticismo e da revelação de entidades espirituais, se baseava na "escrita mágica". Os hierógrafos não tinham somente o caráter linguístico, embora também fossem usados de modo secular, como uma língua moderna. Sua origem é sacerdotal, sua essência a magia, seu caráter religioso, sua função ritualística, sua razão maior de ser, a comunicação com o mundo do além, sua finalidade a proteção, ou a maldição. O Egito profetizava pela escrita faraônica, ou pelos hierógrafos.

Quando Jesus anuncia a essência verdadeira da Palavra divina, vai confrontar todos os conceitos filosóficos, mágicos e espirituais contidos nos hierógrafos.

Confronta sua transitoriedade com a eternidade da palavra de Deus, que é sobretudo, SUA PALAVRA:

"O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras jamais passarão"

O egípcio imagina que ter seu nome apagado da parede de um túmulo o destina ao nada, a desintegração.

Essa função pertence a escrita sagrada de um livro muito superior a da sabedoria egípcia, o livro da VIDA, cujo poder de escrever ou apagar mais uma vez é delegado ao Senhor Jesus:

O vencedor será igualmente vestido de branco. **Jamais apagarei o seu nome do livro da vida, mas o reconhecerei diante do meu Pai** e dos seus anjos. Apocalipse 3:5

O egípcio imaginava oferecer, em parte, como oferenda ou alimento, as palavras tumulares, os textos das pirâmides e dos sarcófagos como arte mágica para alimentar, sustentar ou evitar o retorno em forma maligna de um morto.

Jesus confronta tal pensamento quando afirma que:

Disse Jesus: "A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e concluir a sua obra.

João 4:34

Pois a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida. João 6:55

Um morto egípcio necessitava sustento de palavras mágicas para continuar sendo sustentado na caminhada no mundo do além. Tanto os vivos como os mortos egípcios necessitavam de uma cobertura de palavras mágicas, feitiços, conjurações, maldições, encantamentos para serem protegido dos poderes de espíritos malignos e da ira das suas próprias divindades inconstantes. O favor de Hathor hoje poderia ser a desgraça do amanhecer. A graça de Isis transformada numa tempestade de dor.

Jesus é um mix, concentra em si o fato de ser o autor, o escritor, a divindade, a oferta, a manifestação viva da VERDADEIRA palavra escrita de Deus, sendo ele o cumprimento das profecias antigas, sendo ele mesmo alimento espiritual para todos os que nele creem. Sendo ele mesmo uma manifestação incondicional e perene de Favor divino imutável. Sendo ele mesmo um ato mágico e profético que anula todas as maldições.

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo.

Efésios 1:3

O faraó, desde que confundem seu cargo com o palácio em que morava (faraó era o nome antigo do palácio onde morava o regente do antigo Egito), **é um escravo de suas tradições, preso a uma infinidade de rituais**. Ele é uma espécie de deus-homem, e seu **papel é dar ordem na ordem das coisas**. O cosmos, por assim dizer, **depende de seus atos**. O Nilo, feito das lágrimas de Ísis/Ashet, era convocado nas cheias que nutriam os campos de trigo, arroz e cevada *através de um rito anual presidido pelo faraó*. O mundo egípcio dependia, literalmente, dele. Porém o faraó era somente humano. Como tal se apaixonava, como tal padecia e tinha um medo monstruoso da morte e do amanhã. Mais **propriamente do amanhã** do que da morte. A honra buscada pelos gregos que queriam ser imortalizados em poemas homéricos talvez fosse só uma sombra da preocupação em manter o nome vivo contra as águas do

esquecimento, ter uma imagem que permanecesse na história, até para que ele, depois de morto, ter a possibilidade de continuar sua história. Os túmulos elevados a quintessência do descalabro, de gigantismo inédito e que inspirou outros tantos mausoléus pelo mundo afora, tinham uma função escatológica, **eram memorial para choro eterno**, deviam servir de futuros templos para os novos deuses, que seriam os faraós transformados em estrelas no azul de Nut, deusa que representava a noite e os céus estrelados, a constelação feita "gente" da antiguidade. Mais do que um Pop Star da atualidade, ser estrela a brilhar nos céus, era **uma meta** que exigia um célebre esforço pós-morte, além da ajuda de uma carpideira eterna, ou que durasse o suficiente para que o recém, chegado aos Campos Elíseos egípcios pudessem ser julgados e se possível absolvidos no tribunal de Osíris. Era por isso que **havia tanto feitiço escrito nas paredes dos túmulos**, e a razão do choro incessante de um grupo original – o das carpideiras – profissão que nasce justamente no Egito.

Quando Jacó morre há certamente uma ciúmeira incontinenti no coração da família real egípcia. O choro pela morte de Jacó é de tal monta que se tornou célebre. É um momento de dor que deixou para sempre na imaginação dos futuros regentes das duas terras aquilo que se devia esperar pela morte de um representante divino.

Como dito antes, o mais poderoso dos homens, temia a morte, o esquecimento, a morte depois da morte, a SEGUNDA MORTE, que seria quando deixaria finalmente de existir. Era tanto desejo de existir que o egípcio contava pelo menos 9 partes que compunham a essência espiritual humana. Não duas e nem três, antes nove. Outro contraponto, talvez não seja sem referência que o Espírito de Deus concede 9 DONS ESPIRITUAIS. Mas, como dito, o faraó se apaixonava. As mulheres egípcias eram de beleza extraordinária, que o diga Marco Aurélio e toda trabalhadeira para conquistar Cleópatra. A maquiagem nasce ou se firma como arte no Egito. Os corações dos adolescentes egípcios eram romantizados, desde muito jovens. Os templos eram recheados de imagens cujo erotismo era tamanho que uma das declarações que o morto deveria expressar no tribunal da morte é que "não cometi nenhum ato abominável ou vergonhoso dentro do templo dos meus deuses" e que na verdade escondia o fato de que **muitos destes adolescentes se masturbaram pela primeira vez em suas vidas diante da iconogravura, erótica ao extremo, do antigo Egito**. As histórias das divindades eram de sexo, traição, tragédia e morte, não necessariamente dentro desta ordem, e os cânticos que inspirariam os romances dos Vedas indianos, que hoje são conhecidos de modo modernizados através do cinema de Bollywood, cantavam romances e eram realizados com ajuda de danças com pouca roupa de sacerdotisas que inventaram passos ousados e acrobáticos, ainda representados nas paredes de templos, e ainda presentes como tradições nas danças do ventre e similares. Diga-se de passagem, que a dança dos sete véus era uma teatralização de um evento que envolvia o "strip-tease de Isis", que em busca de resgatar do reino da morte seu amado Osíris, vai obedecendo às divindades que ordenam que a cada passo se desfaça de uma das partes de suas vestes, que no total somam

sete. Não recordo se ainda sobrou ao menos seu colar, ao chegar no fundo do abismo. Esse erotismo exacerbado *ia até mesmo* aos enterros. O que era terrível para alguns, para os jovens, **nem tanto assim**. As antigas carpideiras, normalmente o grupo das mais jovens, realizava sua triste cantoria e a seus atos fúnebres com os seios à mostra.



Fig. 8. Outro grupo de carpideiras: mãos sobre a cabeça, desalinho das vestes, pés descalçados, seios nus, cabelos atados, lágrimas abundantes. Vinheta do Papiro de Ani (BM EA 10470.6), XIX Dinastia.

Ou seja, não é necessário dizer que ao redor do grupo de mulheres chorando, havia sempre um grupo de adolescentes, *chorando mais alto ainda*. Então quando lemos nas Escrituras que um faraó se apaixona por Sara, e que ele a introduz no palácio, não estamos distantes da realidade. O rei se apaixonou pela camponesa. Só que ela era a mulher de um profeta. Essa realidade de folhetim era próxima à de todas as eras. Não é sem razão que a mulher do eunuco e capitão do exército de faraó se aproxima do jovem israelita. A mulher casada vivia envolta num mundo de romance e sensualidade *espiritual*. Se ela era uma sacerdotisa, então conhecia de cor os cânticos de Isís, que um dia inspirariam os de Inaana, Ishitar, Afrodite, e todas as demais. E ainda tinha o fato de ser uma esposa insatisfeita sexualmente. Pelo fato de viver numa sociedade carnal (fato reclamado numa profecia em Ezequiel). José disse não, pela sua posição, pela sua lealdade ao seu senhorio. Por causa do temor divino. Potifar deriva de Ptah, deus da sabedoria egípcio. Após a libertação, ele receberá como esposa a filha de um sacerdote, Potífera. São variações do mesmo nome em egípcio.

“E nasceram a José dois filhos (antes que viesse um ano de fome), que lhe deu Azenate, filha de Potífera, sacerdote de Om”

A esposa de um guerreiro o trai e a filha de um sacerdote o consola.

Seu nome era Azenate. Significa “aquela que salva”.

Ainda que considerado de natureza divina, o faraó, por sua natureza humana, estava sujeito à morte. Por isso existia um ritual, originado nos tempos pré-históricos e que perdurou até o Período Ptolomaico (304 a 30 a.C.), cujo objetivo era a de renovar a força do rei. Conhecido como festival Heb-Sed, *ou*

Festa da cauda, era celebrado, teoricamente, após os trinta primeiros anos de reinado e a seguir em intervalos variáveis a cada três ou quatro anos. Nessa festividade, dramática e sombria, o rei passava por um sacrifício simbólico e público de morte e depois renascia para assegurar a fertilidade da terra. **Por esse ritual se regenerava a força física e mágica do rei envelhecido**, força com a qual ele poderia ainda, e por mais outro longo período, exercer seu papel de criador, como acontecia quando subiu ao trono. Tratava-se de um ritual altamente significativo para os egípcios, como atesta sua representação nos templos funerários reais desde o tempo do faraó Djoser (c 2630 a 2611 a.C.) até o Império Novo (a, 1550 a 1070 a. C.) e o elevado número de tais festas que a tradição nos transmitiu.

Em essência a festa consistia de procissões e cortejos diversos dos quais o faraó e seu séquito participavam, visitando os santuários do país. Os relevos mostram cenas nas quais o soberano, já rejuvenescido, acolhe e recebe as homenagens de delegações vindas de todos os cantos do Egito. Também se executavam determinados ritos que deviam atestar o novo domínio do rei sobre o mundo. Entre eles destacavam-se o lançamento de flechas nas quatro direções do céu e a corrida ritual do rei, paramentado com as insígnias da soberania, rito pelo qual o faraó demonstrava a recuperação da sua força. O faraó já praticara essa maratona durante a cerimônia de sua entronização e agora repetia o exercício. A corrida do rei acontecia num local apropriado, construído ao redor de seus edifícios funerários. Ao público presente era, assim, revelada a força física do rei e sua habilidade para governar usando suas capacidades corporais e mentais. Entre as cenas mais conhecidas dessa festividade estão as do faraó Djoser correndo ao redor de seu complexo mortuário.

Podemos exemplificar a necessidade faraônica da relação de proximidade entre divindade e poder. Nas campanhas do faraó Kamés contra os hicsos (reis pastores vindos da Palestina), o rei egípcio os repeliu conforme as ordens do deus Amon, que era considerado "famoso" por seus conselhos. Outro caso interessante é o da rainha e faraó Hatshepsut (1473 – 1458 a.C.), que imortalizou uma das formas utilizadas para estabelecer a sua legitimidade no trono. Em seu templo mortuário em Deir-el-Bahari, ela ordenou que fosse descrito o seu nascimento divino por desejo do deus Amon. Segundo a história, o deus toma a forma do faraó Tutmés I (seu pai) e faz amor com a rainha Ahmés (sua mãe), concebendo, assim, Hatshepsut de forma divina. Amon-Ra então diz que essa filha de seu corpo será a legítima governante do reino. A experiência de Hatshepsut nos permite dizer que o acesso de mulheres à posição de faraó era possível. Entretanto o cargo tinha caráter masculino, provavelmente em função das práticas mágicas e religiosas que envolviam tal posição

RITUALISTA BIBLICA APLICADA

Nem de longe tenho como abranger toda a significação dos gestos de Jesus. Vou ILUSTRAR o que humildemente aprendi sobre o assunto. Quanto mais você compreender os "arcãos", as coisas tidas como ESSENCIAIS por uma determinada cultura, mais verá relações sacerdotais entre os atos de Jesus e as atitudes e as crenças de determinado grupo étnico.

Na busca do encontro dos significados simbólicos dos gestos de Jesus eu preciso entender o seu caráter sacerdotal, preciso entender sua eternidade, sua imortalidade e o mundo espiritual que ele representa.

[22](#)Mas tendes chegado ao monte Sião, à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, à jubilosa reunião dos milhares de milhares de anjos, [23](#)à igreja dos primogênitos, cujos nomes estão escritos nos céus, a Deus, o juiz de toda a humanidade, aos espíritos dos justos agora perfeitos, ...Hebreus 12.22-23

Jesus representa MUITA coisa. Seus atos e gestos trazem consigo uma herança divina, um passado na eternidade, um presente no qual domina sobre anjos, e um futuro no qual reina sobre o universo. Ele descobre um mundo invisível desconhecido por grande parte da humanidade. Através dele conhecemos lugares celestiais, a existência de milhões ou de bilhões de anjos, ouvimos falar de um ajuntamento, assembleia ou grupo de espíritos justificados, habitando ou sendo preparados para habitar lugares além do universo físico conhecido.

Tendo tamanha grandeza espiritual, e riqueza de representações, significando tanta coisa na esfera das coisas criadas visíveis e até das invisíveis, compreendemos que os atos de Jesus, ao menos os deixados gravados nos evangelhos, são também ornados de profundos significados.

O que me lembra um trecho de *The Golden Bough*, de James Frazer:

"Em certos locais da Suécia, quando uma mulher estranha aparece na eira, um mangual, instrumento usado para malhar o trigo, é posto em torno de seu corpo, palhas lhe são atadas em torno do pescoço, uma coroa de espigas enfeita-lhe a cabeça, e os camponeses gritam: "Olhem a mulher dos grãos!" A estranha que aparece subitamente é considerada como o espírito dos grãos que acabou de ser expulso das espigas pelos manguais, os instrumentos de malhar o trigo. Em outros casos, a mulher do fazendeiro representa o espírito dos grãos. Assim, na comuna de Saligné, no cantão francês de Poiret (Vendéia), a mulher do fazendeiro, juntamente com o último feixe, é embrulhada num lençol, colocada numa maca e levada até a máquina de debulhar, sob a qual é colocada. Em seguida, retiram-na dali e malha-se só o cereal, mas a mulher é jogada para o alto no lençol como se estivesse sendo peneirada. Seria impossível expressar mais claramente a identificação da mulher com o cereal do que por essa imitação literal dos atos de malhar e peneirar."

Os camponeses europeus possuem antigas crenças que a flora, em especial determinadas árvores e os grãos, possuem espíritos, possuem algo que

equivaleria até certo ponto com a alma dos animais e até dos seres humanos. E que esse “espírito” sairia do grão e retornaria a floresta ou a terra quando os grãos fossem esmagados. E muitas celebrações religiosas, rituais mágicos em respeito a esses “espíritos” foram posteriormente transformados em danças, cantigas, ou cenas culturais. A perfeição da representação acima, da mulher como uma espiga de milho ou punhado de grãos sendo lançada pelo lençol dá uma idéia vaga de como em CRISTO as realidades espirituais foram e são PERFEITAMENTE REPRESENTADAS.

CENA I

João 9

...⁵ Durante o tempo em que estiver no mundo, sou a luz do mundo.”⁶Então, tendo dito essas palavras, **cuspiu no chão e fez barro com saliva**; em seguida ungiu os olhos do cego com aquela mistura. ⁷E ordenou ao homem: “Vai, lava-te no tanque de Siloé” . O cego foi, lavou-se e voltou vendo.

O evangelho é construído de modo a falar a todos os povos, raças, tribos e nações, de TODAS AS ERAS. Cada gesto de Jesus é segundo a sabedoria multiforme de Deus, que como imortal atento, testemunhou e compreendeu o que eram conceitos mais caros, nevrálgicos, que transmitiam mensagens claras, profundas, às civilizações. Os simbolismos dos atos de Cristo possuem uma excelência gestual inédita, única e ATEMPORAL. Imagine um ser humano imortal que tivesse transitado por todas as civilizações humanas, conhecido pessoas, lugares, usos, costumes. Que além disso, conhecesse ponderações, meditações, que conhecesse anseios, propósitos e o amago de suas crenças, credences, superstições. Que conhecesse seus sonhos e seus pesadelos, suas esperanças e seus temores. Então você terá a profunda noção do que está detrás das ESCOLHAS do Espírito de Deus, em relação as cenas que nós lemos nos evangelhos e porque elas aconteceram do jeito que Jesus as realizou. Tem “teatro” celestial, tem inspiração cênica, tem caracterizações específicas que trabalharam a “coreografia” íntima dos gestos do Senhor. Há rituais nos gestos, símbolos na forma com que Jesus realizou suas maravilhas, há em todos eles PEDAGOGIA de Deus, escondida para alguns e ESCANCARADA para outros. Porque alguns gestos não foram planejados para a nossa geração e nem para a nossa cultura. Eles visavam atingir OUTRO público, de um CERTO modo.

Pedro afirma:

Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça **a vós outros destinada,**

11 investigando, atentamente, **qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava,** ao

dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam.

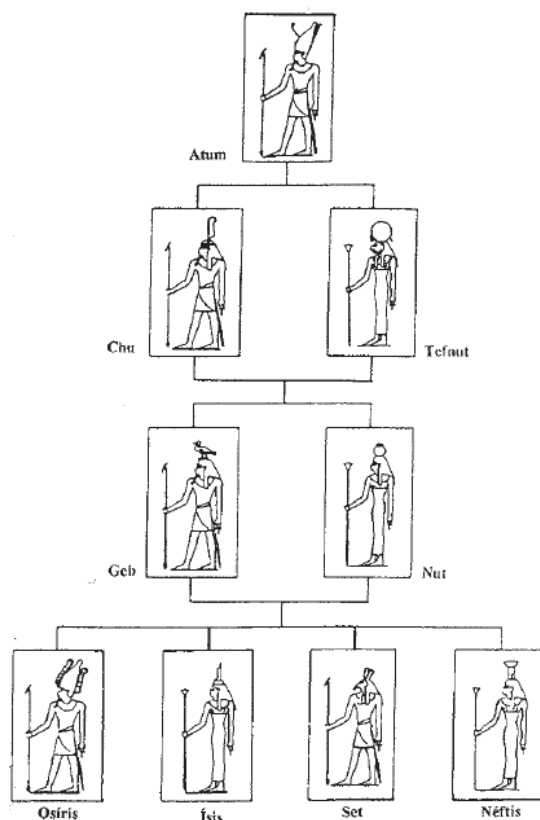
12

A eles foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros, ministravam as coisas que, agora, vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, coisas essas que anjos anelam perscrutar.

I Pe 1.11-12

Os atos proféticos de Jesus possuem esse caráter de atingir de modo profundo a pessoas de diversos povos, em diversas eras, levando em consideração até mesmo coisas que foram institucionalizadas em sua estratificação social, em sua cultura, em sua religiosidade.

Ilustração de profundidade



A *Pesedjet* de Iunu: presença significativa do critério numérico de base 2 (casais divinos).

Interessante frisar que a profecia bíblica "Faço justiça até a quarta geração..." está indiretamente fazendo referência **as quatro principais gerações de deuses egípcios**, a famosa enéade. Ou seja, o Deus de Israel tinha poder suficiente para vindicar fazer algo hoje que ainda teria reflexo até a quarta geração na família de quem ele realizou o ato. Significava que se *batesse* em Atum, até a *Nefertis* teria caído no chão.

Na Cosmogonia egípcia a segunda geração de deuses, Chu e Tefnut. Mas, o início de tudo em vários "mitos de criação" dos povos é sempre uma releitura de Genesis 1.

O OCEANO PRIMORDIAL

O Princípio

1 No princípio Deus criou os céus e a terra.

2 Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.

Por meio da tradição oral uma antiquíssima revelação foi sendo transmutada na mitologia dos povos da antiguidade. Como os Gregos e Indianos que criam na figura de um oceano primordial, os egípcios deram a este o **significado de início de tudo**. Chamavam-no de NUM, situado em um lugar cósmico, invisível, algo como um gigantesco lago, envolto em escuridão do qual nasceria sua primeira divindade, Atum.

A partir deste oceano primitivo, vai-se originar o deus Atum, que sozinho procria a si mesmo e outras divindades, saindo do estado inerte, era ainda sujeito subjetivo, passando para o estado cinético, vivo; tornando-se sujeito objeto do universo. Deixando de lado uma parte da história, ATUM cuspindo ou escarrando deu a forma dos deuses Shu e Tefnut divindades do ar e da umidade respectivamente.

Shu e Tefnu são nomes que parecem ser onomatopeias egípcias, (palavras que representam sonoridades), do ato de **cuspír** (shu) (tchuu) e **escarrar** (tefnu) (gulturais) (nesta ordem).

No mito de criação humana babilônicos, em Nipur, por exemplo, o deus criador do homem é Enlil. Esse deus modelou-o com as próprias mãos, como faria um oleiro. Em Eridu, a explicação era mais complicada: os deuses multiplicavam-se e começavam a viver irritados por terem de se servir uns aos outros. Namu, que era a mãe de Enki, pensou então fazer alguma coisa para libertar os deuses dessa situação. Pediu ao filho... e os homens foram criados para se encarregarem de prover às **necessidades dos deuses**, criados da **argila amassada com sangue divino**.

Os Onondagas contam a história da criação assim: o grande cacique das pradarias celestiais cansou-se de sua mulher e lançou-a às infinitas águas turvas. Ela pediu ajuda aos animais marinhos para que retirassem o barro do fundo do mar.

Os Maias concebem a criação em 13 etapas. Na primeira, Hunab Ku, o Deus uno, fez-se a si mesmo e criou o céu e a terra. Na décima terceira, tomou terra e água, misturou-os e desse modo foi moldado o primeiro homem.

Segundo a mitologia grega, o Titã Prometeu apanhou um bocado de argila e molhou com um pouco de água de um rio. Com essa matéria fez o homem, à

semelhança dos deuses, para que fosse o senhor da Terra. Atena, deusa da sabedoria, insuflou naquela imagem de argila o espírito, o sopro divino.

Entre os Maoris da Nova Zelândia conta-se o seguinte episódio: um certo deus (conhecido pelos nomes de Tu, Tiki e Tané) tomou argila vermelha à margem de um rio, plasmou-a, misturando-lhe o seu próprio sangue, e dela fez uma cópia exata da Divindade; depois, animou-a soprando-lhe na boca e nas narinas; ela então nasceu para a vida e espirrou.

Um mito **chinês** conta que a criação do homem deve-se a Nü Wa, deusa que nasceu na Terra, sozinha no mundo, pegou um pouco de lama amarela na beira do lago, amassou-a e formou uma figura semelhante à sua, mas com tamanho pequeno e quando a colocou no chão ganhou vida, assim, fez muitas figuras e as chamou de humanos.

Quando Jesus cospe no chão, e mistura com o barro, fazendo lodo, ele evoca diretamente ao mito de criação egípcio, vai em encontro a revelação de Genesis, caminha ao encontro de tradições espirituais ancestrais de centenas de povos.

Para um egípcio em particular o ato de cuspir e passar o lodo no olho do cego de nascença vai em encontro de uma divindade e da humanidade.

“Depois de eu ter vindo à existência como único deus, houve três deuses a seguir a mim. Vim à existência nesta terra, enquanto Shu e Tefnut sentiam prazer onde estavam. Eles trouxeram-me o meu olho com eles. Depois de eu ter juntado os meus membros, chorei sobre eles. Foi assim que vieram à existência os homens, **a partir das lágrimas que saíram do meu olho**”

O texto recua pelo menos até ao Império Médio (2.000 a. C.) quando era inscrito nos ataúdes dos nobres, com a intenção de apresentar o defunto perante o deus-criador Atom, insinuando a ideia de uma nova criação da vida. No manuscrito há uma elaboração literária que joga com duas **palavras remiú-lágrimas e romef-humanidade**.

Jesus tem poder de “ressuscitar” um olho morto, ou melhor, um “olho não nascido” porque jamais chegou a enxergar, com o uso de seu cuspe e da autoridade do Espírito de Deus, que é aquele que caminhou sobre o VERDADEIRO OCEANO PRIMORDIAL, num crossover, numa operação de maravilhas, num milagre que evoca lendas, mitos, saberes antigos e orações recitadas por diversos povos. Era de um poder maravilhoso como esse, que foi evocado através da água, do lago, do mar, do sangue e do cuspe misturado ao barro, seja ele vermelho, branco ou amarelo, que eles cantaram por inúmeras gerações. Jesus se revelava divino a luz de suas tradições imemoriais, indo até os antigos mitos que foram EXPORTADOS e adaptados, em novas versões, para diversas civilizações.

O judeu não está compreendendo como ato que parecia INDIGNO diante de sua cultura podia fazer algo tão MARAVILHOSO. Os pais cuspiam no rosto da filha rejeitada, os nobres e príncipes no rosto dos rejeitados, dos execrados.

Para o oriental, o que Jesus fazia era quase um xingamento, para um sacerdote judeu tornava ao cuspidor impuro.

"Se o homem cuspir em alguém que está puro, este lavará as suas roupas, se banhará com água e ficará impuro até a tarde.

Levítico 15:8

Era o que se fazia com um inimigo

Eles me detestam e se mantêm a distância; não hesitam em cuspir em meu rosto.

Jó 30:10

Porque Jesus está fazendo algo onde o Espírito de Deus quer comunicar-se aos egípcios, e a diversas nações. É o sacerdócio UNIVERSAL de Jesus em ação, onde o simbolismo de seus atos atravessa as fronteiras de Israel.

E olha que só falei da parte do verso em que Jesus cospe no chão e faz lodo. O pedido de Jesus de que o cego vá se lavar no LAGO de Siloé vai em encontro a centenas de tradições mágicas do mundo todo.

CENA II

[Lucas 23](#)

...²⁷ E uma grande multidão seguia a Ele, inclusive muitas mulheres que choravam e pranteavam em desespero. ²⁸ Porém, Jesus, dirigindo-se a elas, as preveniu: "Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; antes, pranteai, por vós mesmas e por vossos filhos!" ²⁹ Porquanto eis que estão chegando os dias em que se dirá: 'Felizes as estérteis, os ventres que jamais geraram e os seios que nunca amamentaram!

As carpideiras da antiguidade, como apontado em um excelente estudo do egiptólogo José das Candeias Sales no tratado "AS CARPIDEIRAS RITUAIS EGÍPCIAS: ENTRE A EXPRESSÃO DE EMOÇÕES E A ENCENAÇÃO PÚBLICA. A IMPORTÂNCIA DAS LAMENTAÇÕES FÚNEBRES" tinham tripla função:

- 1) Seu choro convulsivo apontava para o público a perda de um regente querido, que merecia ser dignificado e honrado mesmo após sua morte;
- 2) Seu lamento fúnebre cerimonial era uma apresentação póstuma às divindades como prova de que o mundo humano perdera uma grande pessoa, que as divindades pudessem ser misericordiosas e aceitá-lo, já que em vida foi muito amado. Era um clamor pela misericórdia futura.
- 3) E um terceiro e nefasto propósito. Acalmar o morto. Apaziguá-lo, para que não ficasse envergonhado por não ter apreço ao morrer, por desconsiderado e resolver voltar como um demônio ou entidade maligna, um espectro ou fantasma amaldiçoado a comunidade ingrata que não teve afeição ao grande legado que o regente/faraó/sacerdote/oficial ou general havia deixado. O morto

deveria parir tranquilo, para que não voltasse para se vingar. Esse processo deveria ter continuidade nos rituais futuros.

Lançada aqui a base da oferenda, dos manjares aos mortos, das oferendas volitivas que estariam presentes em inúmeras religiões e que ainda fazem parte dos costumes fúnebres de muitos povos, com especial ênfase na cultura asiática. Ao ler a "A cidade Antiga" de Fustel de Colanges, nós teremos a noção da importância para o mundo antigo da oferenda aos mortos: (Da cidade Antiga) - Essas crenças logo deram lugar a regras de conduta. Desde que o morto tinha necessidade de alimento e de bebida, pensou-se que era dever dos vivos satisfazer às suas necessidades. O cuidado de levar alimentos aos mortos não foi abandonado ao capricho, ou aos sentimentos mutáveis dos homens; **era obrigatório**. Estabeleceu-se desse modo uma verdadeira religião da morte.

Você deve se perguntar, sobre o que as carpideiras religiosas que choravam a morte dos deuses, pranteavam, se não havia um "corpo" físico da divindade a ser enterrado? As religiões erguiam locais sagrados, bosques, árvores, altares, que representavam o "corpo" do deus morto. Também totens, postes esculpidos e imagens de diversos materiais, pedras, tijolos, madeira e até estatuetas de prata ou ferro, eram enterradas e desenterradas, ou visitadas anualmente com oferendas de manjares, como túmulos de familiares, representando assim os deuses que morriam e reviviam num drama eterno.

O pranto "cósmico", religioso era por natureza, ETERNO. Se dependesse das religiões antigas, jamais iria terminar. Era uma LAMENTAÇÃO ETERNA.

Percebe-se então a necessidade do choro das carpideiras e a posterior a necessidade dos banquetes dos mortos.

São duas faces de uma mesma história sinistra.

A religião de todos os povos bebeu abundantemente nas águas doutrinárias da religiosidade egípcia.

A morte de um soberano do Egito ou de oficiais gerava os mais extraordinários ritos funerários. Dezenas de carpideiras, jovens e adolescentes choravam a morte do faraó, com gritos, com canções fúnebres, com representações de dor e morte que possuíam três funções, evitar que o defunto sentindo-se abandonado voltasse a assombrar os vivos, demonstrar afeto público diante de toda a comunidade e demonstrar apreço ao morto, dentro da esfera celestial, para que comovessem os deuses, demonstrando a perda de uma grande figura humana, pedindo deste modo, misericórdia para este no futuro julgamento divino.

O choro de carpideiras só cessava após o enterro do morto, quando não, dependendo da grandeza de quem estava sendo velado, até 30 dias após a finalização dos ritos mortuários. Os ritos mortuários com choro das carpideiras

era um ritual que nascera ou se fundira com o “choro pela morte dos deuses”, pois na antiguidade as estações da natureza, a renovação das plantações após a colheita, a morte dos cereais e a recriação da vida, o renascimento da flora a partir das sementes, era como um memorial para a morte e renascimento de Osíris, Frazer citou os exemplos de Osíris, Damuz, Tamuz, Adônis, Átis, Dionísio. Havia rituais de pranto pela morte dos deuses, que duravam semanas, em várias religiões. Há um antigo relato de um historiador que participa de uma campanha militar numa viagem marítima, quando o navio para numa região na época dos rituais de pranto. Ele relata que por toda parte via mulheres chorando, como se todo o país onde chegaram estivesse em luto. Todos os anos, as mulheres das religiões da antiguidade, se tornariam CARPIDEIRAS, de mitos, por cerca de uma semana.

Não conhecemos a origem das carpideiras de Jerusalém. Não sabemos se foi um ato espontâneo de um grupo de mulheres piedosas, se era um serviço religioso pago promovido pelo templo de Jerusalém ou se as mulheres pertenciam a uma ordem religiosa da época, separada, que possuía essa prática. As Escrituras mencionam o uso da flauta em um funeral judaico. O Evangelho de Mateus diz que um governante judeu pediu a Jesus que curasse sua filha, que estava quase morrendo. No entanto, quando Jesus chegou à casa do governante ele ‘avistou os flautistas e a multidão em confusão barulhenta’, pois a criança já havia morrido. — Mateus 9:18, 23.

Na maior parte do mundo antigo, em Roma, na Grécia, na Fenícia, na Assíria e na Palestina, o som de lamento da flauta estava inseparavelmente ligado a morte e tragédia. Segundo o Talmude, até mesmo o judeu mais pobre que ficava viúvo nos primeiros séculos contratava dois flautistas e uma mulher para chorar a morte de sua esposa. Flávio Josefo, historiador que viveu no primeiro século, registrou que, quando chegou a Jerusalém a notícia sobre os romanos terem conquistado Jotapata, na Galileia, e sobre o massacre de seus habitantes em 67 dC, muitos dos que pranteavam contrataram flautistas para acompanhar os cantos fúnebres em seus funerais.

O choro das carpideiras era então, na época de Jesus, nos domínios romanos, acompanhado de flautistas, e realizado sempre para gente falecida. Jesus estava condenado a morte certa, as carpideiras faziam algo ANTECIPADO, como se fosse um CHORO PROFÉTICO na certeza da morte do condenado. Era uma viagem só de ida para o calvário, nunca alguém havia voltado vivo de lá. O outro motivo da antecipação da lamentação era que era necessário um corpo sobre o qual se lamentar. E o destino dos corpos era um lugar que não teriam acesso, denominado vale de Hion, o “vale do monturo”, onde corpos de condenados eram lançados, como indigentes, para serem comidos por cachorros e abutres. Era o “lixão” de Jerusalém. Ou elas choravam antes, ou não teriam um “corpo” sobre o qual derramar lágrimas.

Jesus também será seguido de carpideiras (ainda vivo) elas choram enquanto ele caminha em direção ao calvário, como se morto ele já estivesse. Mas, **ele não permite que elas continuem seu trabalho de dores porque bem sabe que**

ressuscitará (“Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; antes, pranteai, por vós mesmas e por vossos filhos!”).

E o trabalho delas, será em vão.

Durante a morte de Cristo, a própria natureza agira como sua CARPIDEIRA CÓSMICA. Os céus ficarão de luto, as trevas tomarão conta do mundo durante o instante de sua morte. A própria terra tremerá quando o herói falecer, se contorcerá e romperá sepulcros. Sua vida é semente que trará a luz a Nova Criação, Jesus transtorna a existência dos poderes.

Por diversas vezes Jesus irá PARAR o trabalho das pranteadoras nas Escrituras.

Mas, **NUNCA NA HISTÓRIA HUMANA O TRABALHO DE UMA CARPIDEIRA FOI CESSADO ANTES DE FINALIZAR O ENTERRO DO MORTO.**

Até Jesus.

Ele inicia a paralização de serviços fúnebres no séquito do filho de uma viúva, parando o enterro, as canções de lamentação e o som das flautas, tocando o esquife e ressuscitando o filho morto.

Ele paralisa os serviços que já haviam iniciado quando ressuscita a filha do chefe da sinagoga.

Ele ANULA o serviço prestado por dias, quando ao quarto dia ordena que Lázaro saia de dentro do túmulo.

E por fim, chegada a hora de sua morte, as carpideiras vão seguindo-o até onde podem, na subida para o calvário. E ainda que saiba que irá morrer, Jesus as IMPEDE de continuar. Ele não necessitava daquilo. Porque a morte não poderia detê-lo. Não era uma despedida. Era uma até breve. Jesus iria CESSAR O CHORO para SEMPRE. O culto a Deus, a expressão religiosa, a adoração perfeita não careceria de choro anual por ficção romântica religiosa. O pranto das carpideiras religiosas, o luto das nações pelos seus deuses mortais, tinha uma razão romântica oculta. Desde Osíris, era sempre o papel da “deusa consorte” da deusa esposa do deus morto, geralmente por intriga, inveja ou ciúme de uma divindade rival, realizar um ritual mágico para trazer o “amado” de volta do reino dos mortos. Dos mistérios de Osíris egípcio ao Mahabharata indiano, era um romance que movia o desespero da deusa, perfeitamente representado pelas sacerdotisas e fiéis de toda a terra. Afinal, o motivo do choro era a destruição de um grande amor, era a dramatização de uma tragédia amorosa cósmica.

Então Jesus que possui também uma consorte celestial, que na verdade é a humanidade redimida que denomina de igreja, retira dela o choro de carpideira.

A começar da reprimenda as “filhas de Jerusalém”. Essa expressão é muito conhecida num CANTICO ROMANTICO, em Cantares de Salomão, que o canto de amor divino por excelência. Por diversas vezes em Cantares um grupo de adolescentes esnobes, meninas da cidade grande, filhas de nobres, ficam

irritando, perturbando a heroína de Cantares, a Sunamita. "Conjuro-vos ó filhas de Jerusalém, não desperteis ao meu amor, até que ele queira! ". Em certo momento as amigas galhofeiras, que não são de todo más, perguntam "quem é esse teu amado, mais que outro amado que tanto nos conjurastes? "

Levou 1000 anos até que as "filhas de Jerusalém", poeticamente falando, se encontrassem com o "amado, mais que outro amado", aquele que está acima de todas as tradições religiosas, mais formidável que todas elas. E claro, ganham outra "reprimenda". "Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; antes, pranteai, por vós mesmas e por vossos filhos!"

Porque a Jerusalém das filhas de Jerusalém havia rejeitado avultosamente a salvação anunciada pelos "amigos do noivo", os profetas, que lhe alertaram desta visita desde a antiguidade. Só que ela não se preparou para recebe-lo, e ainda o expulsou quando chegou. Jerusalém deixaria de existir como cidade 40 anos após este episódio, os judeus mortos aos milhares, o templo queimado e o povo exilado para todo o mundo na infame diáspora.

Não, não era por ele que elas deviam estar prestando seu serviço. E nesse gesto absurdo e estupendo Jesus cessa a contradição de ser "velado" ainda vivo, ele contradiz uma profecia chorada, a lamúria das carpideiras – esse pobre homem vai morrer e virar saudade daqui a pouco - com a esperança verdadeira e próxima de sua concreta ressurreição.

E finalmente, quando ainda VIVO, e VIVO para sempre, Jesus conceder a revelação sobre o amanhã ao profeta João, ele terminará a história da salvação, que se iniciou antes do nascimento do primeiro homem e que se estenderá após a morte do último, com a seguinte frase:

"Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou".

[Apocalipse 21:4](#)

Carpideiras, vocês estão, definitivamente, DEDITAS.

Cena III

«No dia seguinte, saindo eles de Betânia, teve fome. Vendo ao longe uma figueira que tinha folhas, foi ver se, porventura, acharia nela alguma coisa. Aproximando-se, nada achou senão folhas; porque ainda não era tempo de figos. Disse-lhe: Nunca jamais coma alguém fruto de ti; e seus discípulos ouviram isto.» (Marcos 11:12-14)

«Ao passarem de manhã, viram que a figueira estava seca até a raiz...»

Os cultos de adoração de árvore estão nos grupos das religiões mais antigas. Todos os casamentos primitivos eram feitos sob as árvores e, quando as mulheres desejavam ter filhos, algumas vezes iam às florestas abraçar afetuosamente um robusto carvalho. Muitas plantas e árvores foram veneradas pelos seus poderes medicinais, reais ou imaginários. Na história, existiram várias associações mitológicas entre deidades e árvores, como a de Apoio e o louro, Attis e o pinheiro, Atena e a oliveira, Osíris e o cedro, e Júpiter e o grande carvalho.

O gênio da antiga Arábia vivia dentro de árvores e possuía poderes de mudar as formas. Na Alemanha e na Escandinávia, acreditava-se que criaturas semelhantes a duendes estranhos, conhecidas como "esposas-de-musgo" ou "mulheres-selvagens", habitavam determinadas árvores nas florestas. Na Rússia existem histórias de demônios de um olho só. Na América do Sul, fantasmas perigosos da floresta, que atraem os humanos para a morte, habitam as florestas. No folclore japonês, existem grotescos espíritos da floresta que possuem cabeça e patas de falcão, corpo de homem e um grande nariz. No antigo Egito e na Pérsia, vários deuses e deusas frequentemente habitavam ou tomavam a forma de árvores (sicômoros sagrados em particular), e, na Grécia, as três ninfas conhecidas como dríades e hamadríades tinham a vida ligada a determinada árvore, sentindo qualquer dano a algum galho ou ramo, como um ferimento, e morrendo quando a árvore murchava ou morria.

As árvores são reverenciadas na África, e acredita-se que sejam habitadas por deuses tribais e espíritos benevolentes (ou não) que dão o sol e a chuva, fazem as sementes crescerem e abençoam as mulheres com a fertilidade. Entretanto, é crença comum entre o povo Basoga da África Central que um espírito da árvore ficará enraivecido se sua moradia for cortada e trará a morte para o chefe da tribo e para toda a sua família.

Os iroqueses e outras tribos nativas americanas acreditam que cada árvore possui o seu espírito guardião ou deus guardião, sendo costume agradecer-lhe pelos presentes que dão em forma dos frutos. Os textos religiosos japoneses mencionam Kuku-No-Chi, um deus que habita os troncos das árvores, e Hamori, um deus que protege as folhas das árvores. Os japoneses também acreditam que cada árvore é protegida por sua própria deidade particular.

No culto às árvores de muitas culturas pagãs antigas, a maioria delas era tida como feminina, e sua seiva, oferecida em cálices dourados aos deuses. Acreditava-se que todas as suas partes possuíam poderes místicos, e os rebentos que nasciam sobre as sepulturas dos seres humanos ou dos animais sacrificados eram tidos como especialmente sagrados.

As árvores eram símbolo essencial da religião caldéia. Símbolos em forma de árvore foram encontrados nos templos antigos e em cilindros gravados, e há descrições de usos dos ramos tanto nas cerimônias religiosas como mágicas nos textos sagrados dos caldeus.

Na antiga Ática, durante a orgia dionisíaca (o festival do deus grego do vinho, Dionísio), as árvores eram cobertas com vestes e jóias para representar o deus. Essa prática era também comum em outros festivais gregos (e também romanos). Árvores sagradas estilizadas, cercadas de seguidores e decoradas com guirlandas aparecem em muitas esculturas indianas dos tempos antigos. (Outro estágio de estilização da árvore sagrada é sua decoração com máscara ou artigo de vestuário para simbolizar a deidade; e, por fim, a escultura do seu tronco numa estátua).

Na Grécia, quando se honrava um deus ou uma deusa, eram colocadas grinaldas feitas dos galhos da sua árvore sagrada sobre a mesma, que era, então, adorada. Penduravam-se, também, várias oferendas e presentes, trofeus de caça e armas dos conquistadores para trazer boa sorte.

A ARVORE DA VIDA

O folclore e as mitologias de várias culturas diferentes em todo o mundo contêm uma gigantesca Árvore da Vida, que é a essência de todas as árvores e cujos frutos conferem a imortalidade quando comidos pelos mortais. A Árvore da Vida, na lenda nahua, era a piteira — uma planta tropical que se dizia ter sido descoberta pela *deusa de 400 troncos* Mayauel. (De acordo com a antiga religião asteca, o "leite" da piteira fora utilizado pelo deus de cabeça de cachorro, Xolotl, para nutrir o primeiro homem e a primeira mulher criados pelos deuses.) Na Cabala, a Árvore da Vida é um diagrama místico de Deus, do homem e do

universo, e até na Bíblia (Gênesis, capítulo II) existe menção à Árvore da Vida que crescia no Jardim do Éden junto com a Arvore do Conhecimento do Bem e do Mal, que originou o fruto proibido. De acordo com a lenda dos chineses, indianos e sul-americanos, as almas dos mortos ascendem ao reino do paraíso pelo tronco de uma Árvore da Vida sagrada.

A macieira era a Árvore da Vida adorada pelos antigos celtas. A chinesa era tanto o pessegueiro como a tamareira. A dos semitas era também a tamareira.

A Árvore da Vida na história do "Jardim do Éden", da Babilônia, era a palmeira. **Na Índia, a Árvore da Vida sagrada (Asvatthd) era a figueira.** Como o Yggdrasil, arvore sagrada nórdica, seus galhos atingiam o céu, e suas raízes desciam às profundezas do submundo.

A figueira é tida como a Árvore da Vida por muitos povos, sendo com frequência adorada como a Árvore do Conhecimento.

Os kayans do Boméu Central acreditam que se originaram dos ramos e das folhas de uma Árvore da Vida milagrosa que, no início dos tempos, caiu dos céus na terra.

BOSQUES SAGRADOS

No Antigo Testamento existem numerosas referências a bosques sagrados e a altares neles erigidos.

Na mitologia grega, um oráculo do deus Zeus estava localizado num bosque sagrado de carvalhos. **Um bosque sagrado em Dodona possuía o dom da profecia**, e os fogos das vestais que ardiam no bosque consagrado em Nemi consistiam de varetas e galhos de carvalho.

Uma árvore grande dentro de um bosque sagrado representava a deidade masculina dentro da Deusa, tanto como filho quanto como amante, e o ato de quebrar um dos seus galhos significava o mesmo que ameaçar o deus de castrá-lo.

Nos bosques de Diana, em Nemi, os reis sagrados combatiam os inimigos que ousavam quebrar um galho das árvores sagradas. Os sacerdotes patriarcais protegiam os bosques sagrados e os que o profanavam eram considerados perigosos e maus. **Aqueles que os tentavam destruir uma árvore eram punidos com uma maldição da mãe-Deusa**, como aparece em vários mitos moralizantes, como o de Erisichton, que foi transformado num mendigo sujo e desgraçado pela ira da deusa Demeter.

Em várias outras partes do mundo existem leis contra o corte de árvores ou de danos causados a elas, e até o século 14 o simples ato de quebrar um galho era considerado pecado na Láturânia. As crenças sobre os espíritos das árvores variavam muito entre as tribos e raças diferentes. Algumas árvores eram

habitadas por espíritos afáveis; outras abrigavam espíritos cruéis e enganosos. Os finlandeses acreditavam que a maior parte das árvores era ocupada por espíritos bons. Os suíços há muito desconfiavam das árvores, acreditando que continham espíritos traiçoeiros. Os habitantes da Índia e da Rússia Oriental consideravam os **espíritos das árvores como sendo cruéis**. Os patagônios ainda adoram árvores, como o fizeram os semitas primitivos. Os hebreus apóstatas veneraram as suas várias deidades dos bosques. Exceto na China, houve um culto universal à *árvore da vida*.

O carvalho foi considerado uma árvore sagrada para muitos povos antigos. Para os antigos gregos, era a árvore de Zeus, o principal deus. O primeiro oráculo grego a ser estabelecido foi o de Dodona, no Épiro, que tinha como centro uma árvore sagrada de carvalho que respondia às questões a ela formuladas através do ruído de suas folhas e dos pássaros que nela habitavam. A interpretação dos ruídos era feita pelos sacerdotes. Na antiga Europa os bosques tornaram-se os mais antigos santuários (*temenos*, em grego) da humanidade, considerados sítios sagrados e invioláveis. Havia punições severas para aqueles que ousassem machucar ou derrubar uma árvore. Quando era absolutamente necessário cortar uma árvore (para construir moradias ou fortificações) eram feitas previamente **oferendas para o espírito da Natureza** que morava no seu tronco, explicando-lhe a finalidade e pedindo que se mudasse para outro lugar.

O número de seres fantásticos e de entidades mágicas conectado às árvores é imenso. Nos países nórdicos conheciam-se as Ninfas dos freixos, dos teixos, das bétulas, das faias, das macieiras, as Mulheres e Avós das Árvores, as Damas Verdes, as Mães das Florestas, as Nixies e Selkies aquáticas, as Pixies aladas e muitas outras.

Além de o simbolismo da árvore estar ligado ao da árvore cósmica, (as árvores do Éden) ela é também, em quase todas as culturas do mundo uma das primeiras imagens correlatas da mulher. Pois a mulher alimenta, sustenta o filho no ventre e dá a vida. Assim, a árvore é relacionada as deusas, as mulheres celestiais. Da árvore sai a seiva, que extrai o alimento da terra e faz ligação com o céu, e assim faz a ligação dos reinos da terra e do céu. À árvore são atribuídos os poderes femininos de ser mãe de, ou seja, da gestação da fecundidade. A árvore cria da vida, alimenta, protege. Tanto a mulher quanto a árvore trazem dentro de si, o fruto que continua a existência.

A religião antiga então associava a imagem das deusas e de espíritos tidos como femininos às árvores. O sicômoro foi desde a antiguidade símbolo da deusa Isis. Em algum momento, associado a todos os deuses egípcios.

Jesus amaldiçoando uma árvore fazia milhares de sacerdotes tremerem ao redor do mundo todo. As civilizações vieram de um mesmo grupo, de uma mesma família humana. Em algum instante só existia uma única tradição histórica, social e mesmo mítica. A onipresença da árvore da vida em milhares de culturas, tribos,

povos e raças ao redor do mundo, isolados entre si, APONTA para uma fonte UNIFICADA da qual todos COMPARTILHARAM.

Quem é esse homem, capaz de amaldiçoar ao espírito de uma árvore, em vez de ser amaldiçoado por seu DESRESPEITO? Porque na imensa figueira estão representadas todas as árvores sagradas do mundo inteiro. E todas elas nascem no relato de Genesis. Todas elas são uma sombra evanescente da árvore da Vida e da árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Note que há uma figueira monstruosa nas cercanias de Jerusalém na qual Jesus busca os frutos e não os encontra, e que então ele amaldiçoa? Ela se seca de modo tão brutal que os apóstolos se enchem de assombro. Fica ressecada e retorcida.

Todos os povos da antiguidade possuíam pavor extremado contra o ato de feitiçaria, contra o encantamento, contra o ato mágico e sobretudo contra a MALDIÇÃO. Amaldiçoar era coisa de xamãs, magos, feiticeiros, era ofício contratado e muito bem pago na antiguidade, como podemos enxergar na história sinistra de Balaão. Exigia, no entanto, domínio sobre poderes espirituais por parte do "amaldiçoador".

Coisas sagradas concediam poderes aos magos, não o contrário. Porque eram os deuses que consagravam para si, as tais *coisas sagradas*. Uma árvore sagrada era assim não porque alguém disse que ela era sagrada, antes porque ela era HABITAÇÃO de uma deidade, de um espírito, de um espectro.

E Jesus, aterrorizantemente olha para aquilo que os povos consideravam como sagrado e a destrói com uma PROFECIA.

Percebem COMO Jesus amaldiçoa a Figueira? Com raiva. Muita raiva. Muito além da que seria natural pelo fato de não encontrar um figo.

Estamos diante da profundidade espantosa, como sempre, do gesto de Jesus. Estamos diante de outra parábola.

Se você for um estudante das Escrituras atencioso, perceberá que não há nenhuma menção a árvore do conhecimento em mais nenhum lugar, senão no livro de GENESIS. Ela não aparece sequer nas visões de Apocalipse. Porém a árvore da vida AINDA é mencionada, num FUTURO QUE AINDA VIRÁ, ou que não se cumpriu, porque o Éden ainda PERMANECE. A árvore da vida não foi REPLANTADA no céu. **Ela está onde sempre esteve.**

No **mesmo jardim que onde um dia dois universos se encontraram.**

Embora a árvore do conhecimento não exista mais.

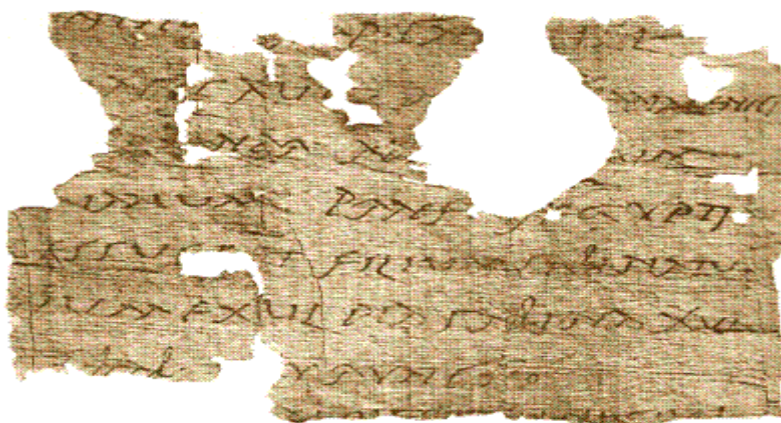
Ezequiel numa visão profética contempla a árvore da vida, João em Apocalipse, do mesmo modo a vê. Porque só ela permaneceu.

Quando Adão e Eva se escondem no jardim eles fazem uma tosca vestimenta de FOLHAS DE FIGUEIRA, que são substituídas por Deus logo depois por um modelo bem mais fashion feito por peles de animais. Sem entrar em detalhes onde ou como DEUS arranhou aquelas peles, o que vemos quando Jesus amaldiçoa a

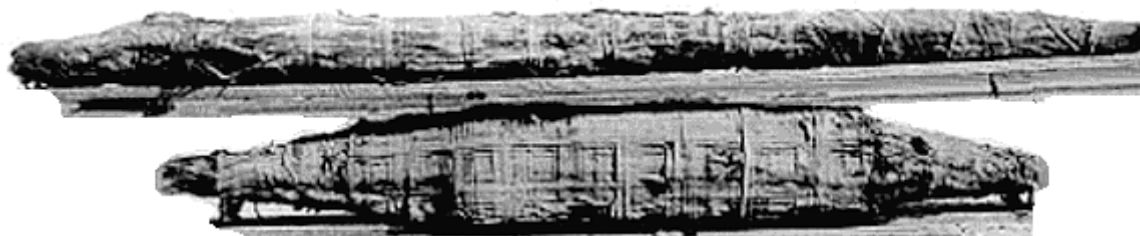
figueira é **uma figura que gera certo contentamento**. Na verdade, uma alegria indisfarçável.

Sabe por que Jesus não encontra nela frutos? Porque Adão e Eva já comeram deles... **O segundo Adão não encontra frutos porque o primeiro Adão os comeu...** uma piada celestial...

A "célula" que nos era contrária seria destruída na cruz, e até hoje 'cédulas' ou promissórias são feitas de celulose, **que são feitas de árvores**. Mesmo em Apocalipse, o livro selado com sete selos que o Cordeiro abre, tomando das mãos de Deus, era semelhante a um documento de compra e venda romano.



...feito...



de paipirus romanus.

<https://www.youtube.com/watch?v=DCR8n7qS43w>

A maldição sobre a figueira é uma FIGURA, ela nos faz imaginar a árvore maldita sendo amaldiçoada. O efeito da árvore MALDITA estava sendo destruído.

O livro de Mateus 3:10 diz: **E já está posto o machado a raiz das árvores**; toda árvore, pois que não produz bom fruto, é cortada e lançada no fogo.

João Batista que precedeu a Cristo apontava para isso. A maldição seria destruída. A árvore do Conhecimento do Bem e do mal, debaixo da qual um espírito traçoeiro enganou a humanidade, seria CORTADA.

Quando Jesus amaldiçoa a figueira, em parte, é uma figura disso.

- MORRA arvorezinha desgraçada...

Então os que foram 'envenenados' pelo efeito da transgressão, aos pés da primeira "árvore má" são curados pelo remédio divino, pelo fruto sobrenatural, devidamente preparado no fogo do sofrimento, **JESUS o pão da vida**.

Imediatamente após a transgressão de Adão o remédio já começou a ser ministrado. A profecia que daria esperança de livramento do poder da serpente. Era, contudo, essa palavra, essa revelação profética, como uma ambulância, os primeiros socorros para cuidar da alma humana enferma.

Até que um homem espetacular e maravilhoso, ensinasse a humanidade, o caminho de retorno, ao eterno jardim.

Os discípulos ficam extremamente assustados aos pés da árvore seca. "Senhor, a árvore que amaldiçoastes secou até suas raízes!" Que palavra é essa! Que poder é esse! Que força tremenda é essa que é capaz de tamanha destruição!

Os discípulos pensando que se Jesus tivesse olhado para um deles e dito as mesmas palavras, teriam morrido desde a noite anterior.

Um ambientalista derrama uma lágrima sentido diante dessa passagem das Escrituras, uma ONG que tem foco na preservação de florestas entoaria uma lamentação, faria um protesto veemente contra a morte da gigantesca árvore. Se hoje isso tivesse ocorrido numa reserva ambiental, Jesus seria PRESO.

A UNESCO declarou milhares de árvores ao redor do mundo como SAGRADAS, quando não como patrimônio da humanidade. Legislações identificam árvores como patrimônios culturais, outras são protegidas por lei e imunes a cortes. O termo "sítios naturais sagrados" (SNS) tem sido frequentemente utilizado na literatura internacional para se referir a locais "sagrados" e eles podem ser entendidos como "áreas de terra ou de água com um significado espiritual especial para povos e comunidades". Nas últimas décadas, a temática dos sítios naturais sagrados vem adquirindo uma visibilidade crescente em diversos eventos internacionais promovidos por instituições globais como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) e com a publicação de diversas obras de referência. Dentre a diversidade de sítios naturais sagrados identificados no Brasil, algumas cavernas-santuários no sertão nordestino se destacam por serem centros de grandes romarias e peregrinações no país e têm sido estudadas por diversos autores. A consagração desses espaços pode envolver desde a oferta periódica de alimentos, bebidas, flores, louças, velas, mensagens escritas e adereços para as divindades, até a fixação de estátuas de santos ou cruzeiros nos locais, a construção de altares ou edificação de capelas, templos e outras estruturas para a celebração de ritos religiosos. Além de cavernas, algumas montanhas no território nacional também possuem importância religiosa e se constituem em centros de peregrinações sazonais, como o Monte do Galo/RN (BRANDÃO; ARAÚJO, 2009; AGUIAR; NUNES, 2009), a Serra da Piedade/MG (AZEVEDO et al., 2009), o Morro do Urucum/CE (COSTA, 2010) e o Morro da Capelinha/DF. O Morro do Corcovado, situado no Parque Nacional da Floresta da Tijuca, no Estado do Rio de Janeiro, se destaca no campo

da religiosidade pela emblemática Estátua do Cristo Redentor, um dos principais símbolos nacionais e um dos maiores atrativos turísticos do país (MOUTINHO-DA-COSTA, 2008). O Dedo do Moleque, uma elevação rochosa no Estado de Goiás, representa um sítio associado à população quilombola do território Kalunga (MARINHO, 2008) e os montes Roraima e Caburaí, na fronteira entre o Brasil, a Venezuela e a Guiana, são montanhas sagradas para os povos indígenas que vivem na região (LAURIOLA, 2004; MLYNARZ, 2008; NOGUEIRA; FALCÃO, 2011). A Lagoa Encantada dos Negros, os, situada na Serra da Barriga (AL), também representa um local sagrado para uma população quilombola, no caso, descendente do Quilombo dos Palmares.

Podemos entender então quão PRÓXIMOS estamos da antiguidade das religiões, onde do mesmo modo BOSQUES SAGRADOS continuam sendo erguidos, protegidos por LEI.

O Ato de JESUS é anti-religioso. Produto da fé pura e não destilada. Ela se opõe a MAGIA e a MÁGICA, não procede de um RITUAL, não sofre cooperação de espíritos, entidades, demônios ou poderes difusos espirituais. Não há aporte do poder de "espíritos da Natureza" e nem de silvos, nem de divindades ou de deusas. Jesus não leu um livro de feitiços, não proclamou palavras de encantamento aprendidas em alguma tumba egípcia, aprendidas em alguma prece antiga de uma religião de mistério. Ele estava ensinado a CRER, estava ensinado a fé plena em sua palavra, estava DEMONSTRANDO um poder DESCONHECIDO pelos magos do mundo.

E em última instância, evocando que era o MISTÉRIO DA FÉ, que VENCERIA a maldição do Éden, que era a fé que TRANSCENDERIA a maldição humana, que seria a fé que IMPORIA seu domínio sobre as coisas espirituais, incluindo a maldição obtida pela desobediência relacionada a árvore de Conhecimento do Bem e do Mal.

E sua fé manifesta ou imitada pela igreja, realizaria HOJE, os mesmos sinais, ainda que fosse uma árvore sagrada, no meio de um sítio natural sagrado, dentro de uma área de proteção ambiental, após tombada como patrimônio cultural e protegida por lei.

Porque manda quem pode, e obedece quem tem juízo.

As cenas IV e V vão de encontro ao significado dos gestos de Jesus para os JUDEUS. Onde o que está sendo demonstrado é diretamente relacionado a crença messiânica na época de Jesus, baseado em “os três milagres messiânicos” de Arnold Fruchtenbaum.

Cena IV Lucas 5:14:

E ordenou-lhe que a ninguém o dissesse. Mas vai, disse, mostra-te ao sacerdote, e oferece, pela tua purificação, o que Moisés determinou, para que lhes sirva de testemunho.

Autor: Arnold Fruchtenbaum

Tradutor: Carlos Oliveira, Portugal, 2004.

(judeu convertido, tornou-se missionário para os judeus)

A CURA DE UM LEPROSO

Levítico 13-14 – Davam ao sacerdócio Levítico instruções detalhadas quanto ao que deveriam fazer se um leproso fosse curado. No dia em que o leproso se aproximasse do sacerdócio e dissesse, “Eu era leproso, mas fui curado”, o sacerdócio deveria apresentar uma oferta inicial de duas aves. Durante os sete dias seguintes, deveriam investigar intensivamente a situação para se determinar três coisas. Primeiro, se a pessoa seria realmente leprosa. Segundo, se, de facto, tendo sido um verdadeiro leproso, fora realmente curada da sua lepra. Terceiro, se tendo sido verdadeiramente curada da sua lepra, quais tinham sido as circunstâncias da cura. Se após sete dias de investigação, eles ficassem firmemente convencidos de que a pessoa tinha sido leprosa, tinha sido curada da lepra, e as circunstâncias eram adequadas, então, ao oitavo dia, seguir-se-ia uma longa série de ofertas. Primeiro, havia uma oferta pela transgressão; segundo, uma oferta pelo pecado; terceiro, um holocausto; e quarto, uma oferta de manjares. Depois, havia também a aplicação do sangue da oferta pela transgressão sobre o leproso curado, seguida da aplicação do sangue da oferta pelo pecado sobre o leproso curado. A cerimônia chegava então ao fim com a unção de azeite sobre o leproso curado. Embora o sacerdócio tivesse todas estas instruções detalhadas quanto a como eles deviam responder ao caso de um leproso curado, **nunca tiveram oportunidade de colocar em prática estas instruções: desde o tempo da dádiva da Lei de Moisés, nunca nenhum Judeu foi curado da lepra!**

Os registos dos três Evangelhos que nos relatam a cura de um leproso são: Mateus 8:2-4, Marcos 1:40-45 e Lucas 5:12-16. Mateus e Marcos declaram meramente que o homem era leproso; mas Lucas, que era profissionalmente médico, apresentou mais detalhes. Segundo Lucas 5:12, **o paciente estava cheio de lepra**. Isso significa que a lepra estava no auge, e que não demoraria muito

tempo para ela tirar a vida a este homem. Este homem muito doente, cheio de lepra, veio a Jesus e disse: *Senhor, se quiseres, bem podes limpar-me.*

O leproso reconheceu claramente a autoridade de Jesus como o Messias que tinha o poder para curar um leproso. A única questão da parte do leproso era a voluntariedade de *Jesus* para o fazer. Nesta situação, lemos que Jesus tocou o leproso e logo a lepra desapareceu dele (Lucas 5:13). Mas devemos notar cuidadosamente o que Jesus disse ao leproso para fazer, segundo Lucas 5:14:

E ordenou-lhe que a ninguém o dissesse. Mas vai, disse, mostra-te ao sacerdote, e oferece, pela tua purificação, o que Moisés determinou, para que lhes sirva de testemunho.

O "lhes" refere-se especificamente à liderança de Israel. Jesus enviou este homem diretamente ao sacerdócio em Jerusalém a fim de forçá-los a prosseguirem com os mandamentos de Moisés em Levítico 13-14. Quando este homem apareceu diante do sacerdócio de Israel e se declarou um leproso purificado, nesse mesmo dia o sacerdócio ofereceu duas aves como sacrifício. Nos sete dias seguintes, eles investigaram intensivamente a situação e descobriram três coisas: Em primeiro lugar, descobriram que este homem tinha sido realmente leproso. Em segundo lugar descobriram que o homem fora perfeitamente curado da lepra. Em terceiro lugar, também descobriram que fora Jesus de Nazaré que curara o homem da lepra. Porque estes mesmos sacerdotes ensinavam que a cura de um leproso era um milagre messiânico, seguir-se-ia daí que se alguém curasse um leproso, poderia, por esse próprio ato, reclamar ser o Messias. Jesus enviou deliberadamente este leproso purificado ao sacerdócio para levar os líderes a começarem a investigar os Seus clamores messiânicos, a fim de chegarem a uma decisão a respeito de tais clamores. Ele queria forçar os líderes Judaicos a tomarem uma decisão a respeito: da Sua Pessoa – que Ele era o Messias; e da Sua mensagem – que Ele estava a oferecer a Israel o Reino predito pelos profetas Judaicos. Ao ter enviado o leproso curado à liderança de Israel, Jesus retirou-se para os desertos, e ali orava (Lucas 5:16). Jesus foi para o deserto onde, numa ocasião anterior, tinha jejuado e sido tentado por Satanás. Desta vez foi para o deserto com o propósito de orar. Sobre que assunto estaria Ele a orar? Estaria a orar sobre o que aconteceria a seguir e como a liderança de Israel reagiria ao milagre messiânico.

E aconteceu que, num daqueles dias, estava ensinando, e estavam ali assentados fariseus e doutores da lei, que tinham vindo de todas as aldeias da Galileia, e da Judéia, e de Jerusalém. E a virtude do Senhor estava com ele para curar.

O que nós temos aqui, escutando o ensino de Jesus, não são meramente alguns líderes Judaicos da cidade de Cafarnaum. O registo de Lucas declara muito claramente que estavam ali reunidos todos os líderes Judaicos oriundos de todo o país (cercanias da Galileia, Judeia, e Jerusalém). Porque é que todos estes líderes Judaicos de repente têm uma convenção em Cafarnaum? Esta foi a reação deles

ao primeiro milagre messiânico. Eles sabiam que Jesus tinha curado um leproso. De acordo com os seus próprios ensinamentos, apenas o Messias podia curar um leproso. Se Jesus tinha curado o leproso, isso podia significar muito bem que Ele era o Messias. É nestas circunstâncias que todos se juntaram para investigar Jesus.

Segundo a lei do Sinédrio, se houvesse qualquer espécie de movimento messiânico, o Sinédrio deveria investigar a situação em duas fases. A primeira fase era chamada a "fase da observação". Era formada uma delegação para investigar apenas por via da observação. Esta delegação deveria observar o que estava a ser dito, o que estava a ser feito, e o que estava a ser ensinado. Não lhes era permitido colocar qualquer questão ou levantar qualquer objecção. Após um período de observação, deviam voltar então para Jerusalém, reportar ao Sinédrio e dar um veredicto: o movimento era significativo ou não? Se fosse decretado que o movimento era insignificante, a questão terminaria ali. Mas se o movimento fosse determinado significativo, então haveria uma Segunda fase de investigação chamada a "fase da inquirição". Nesta fase, eles interrogariam o indivíduo ou membros do movimento. Desta vez, colocariam questões e levantariam objecções para descobrirem se os clamores deveriam ser aceites ou rejeitados. O incidente em Lucas regista a primeira fase, a fase da observação, em que eles observavam o que Jesus dizia e fazia. Neste ponto não lhes era permitido levantar objecções ou colocar questões. Porque um milagre messiânico tinha sido realizado, todos os líderes do país inteiro tinham vindo a Cafarnaum para participarem na fase da observação – observarem o que Jesus dizia, fazia e ensinava. Quando o Messias estava a ensinar, um paralisado foi trazido por quatro amigos a Jesus a fim de ser curado. Mas porque os muitos líderes Judaicos bloqueavam a entrada, os cinco não conseguiam entrar. Eles subiram, então, ao telhado, fizeram nele um buraco e fizeram descer o paralisado aos pés de Jesus. Quando isto sucedeu, Jesus desviou-se do Seu procedimento normal. Não fez como fizera noutras ocasiões anteriores, avançando simplesmente com a cura do homem que Lhe fora trazido. Em vez disso, ficamos a saber por Marcos 2:5

E, vendo Ele a fé deles, disse-lhe: Homem, os teus pecados te são perdoados.

Em vez de curar o homem, Jesus fez um anúncio dramático - **os teus pecados te são perdoados**. Ele sabia muito bem que uma tal declaração diante de toda a liderança teria, com toda a certeza, uma reacção negativa. De facto, foi exactamente isso que aconteceu. Em Marcos 2:6, lemos:

E estavam ali assentados alguns dos escribas, que arrazoavam em seus corações.

Lembremo-nos que esta era a fase da observação. Os que estavam ali a julgar só podiam observar; não lhes era permitido levantar questões ou objecções. Eles arrazoavam nos seus corações:

Por que diz este assim blasfémias? Quem pode perdoar pecados, senão Deus? (Marcos 2:7)

A teologia deles estava absolutamente correta. Ninguém podia perdoar pecados a não ser Deus. Uma vez que Jesus declarou a prerrogativa de perdoar pecados, isso significava uma de duas coisas: Primeiro, isso poderia significar que Ele era um blasfemo. Segundo, Ele podia ser quem reclamava ser – a Pessoa Messiânica, o Messias. Foi neste ponto que Jesus dirigiu à liderança de Israel a seguinte questão:

Qual é mais fácil? dizer ao paralisado: Estão perdoados os teus pecados; ou dizer-lhe: Levanta-te, e toma o teu leito, e anda? (Marcos 2:9)

A questão era, o que é mais fácil de se dizer? Será mais fácil dizer a alguém, “estão perdoados os teus pecados”, ou dizer a um paralisado, “Levanta-te, e toma o teu leito, e anda?” O que é mais fácil e difícil de dizer? Decerto que o mais fácil seria, “estão perdoados os teus pecados”, porque isso não requeria evidência tangível, externa, eterna e observável. Porém a declaração de que um paralisado seria curado era de longe bem mais difícil de dizer, pois uma tal proclamação requeria evidência externa e observável.

Jesus prosseguiu dizendo que iria provar que podia proferir a declaração mais fácil - “estão perdoados os teus pecados” -, ao realizar o mais difícil das duas coisas, isto é, curando o paralisado. E avançou com a cura do paralisado. Houve evidência instantânea, observável, porque o homem podia erguer-se e andar, a ponto de até mesmo poder transportar o seu leito. Isto provava que Jesus também podia dizer (fazer) o mais fácil, ou seja, que os pecados deste homem eram perdoados. Se Jesus podia perdoar pecados, então isso significava que Ele era exatamente Quem reclamava ser – a Pessoa Messiânica, o Messias.

Como resposta ao primeiro **milagre messiânico com a cura de um leproso**, começou a investigação exaustiva dos Seus clamores messiânicos. Os líderes observaram Jesus reclamar o direito a perdoar pecados. Por conseguinte, ou Ele era um blasfemo, ou o Messias. Uma coisa é evidente: A liderança de Israel regressaria a Jerusalém e decretaria o movimento de Jesus como significativo. Após este evento, Jesus ficou sujeito à segunda fase da investigação do Sinédrio, a fase da inquirição. Entre a realização do primeiro e o segundo milagre messiânico, por onde quer que Jesus fosse, um Fariseu decerto que o seguiria e **eles não ficariam mais em silêncio**. Por toda a parte que Jesus fosse, os Fariseus estariam sempre presentes a colocando questões e a fazendo objecções, numa tentativa de verificar ou rejeitar os Seus clamores messiânicos.

Cena V

Mateus 12:22: "Trouxeram-lhe, então, um endemoninhado cego e mudo; e, de tal modo o curou, que o cego e mudo falava e via".

A EXPULSÃO DE UM DEMÔNIO MUDO



Introdução

Entre o primeiro milagre messiânico de Jesus (a cura de um leproso) e o segundo milagre messiânico, Jesus foi investigado pela liderança de Israel. Ele era interrogado e questionado em toda parte onde ia. A liderança aprendeu várias coisas. A coisa crucial que eles observaram foi que Jesus simplesmente não estava agindo conforme o judaísmo farisaico. Ele não estava aceitando a autoridade farisaica. Ele estava ensinando coisas que contradiziam a interpretação farisaica da Lei de Moisés. No Sermão do Monte, Ele havia repudiado o farisaísmo em dois

pontos: Primeiro, como uma interpretação apropriada da justiça que a Lei de Moisés exigia; e segundo, como o tipo de justiça necessário para a entrada no Reino.

As circunstâncias do segundo milagre messiânico estão registradas em dois Evangelhos: Mateus 12:22-37 e Marcos 3:19-30. Marcos 3:21 declara: "E, quando os seus ouviram isto, saíram para o prender; porque diziam: Está fora de si". Nesta altura, nas narrativas do Evangelho da vida e ministério de Jesus, parece haver um reconhecimento de que um alto ponto estava preste a ser alcançado. Até os Seus amigos consideravam o fato de que Jesus precisava se proteger dEle mesmo, por sentirem que o Seu zelo estava beirando a insanidade.

Então, Marcos 3:22 lê: "E os escribas, que tinham descido de Jerusalém, diziam: Tem Belzebu, e pelo príncipe dos demônios expulsa os demônios".

Embora este incidente aconteça na Galileia, ele foi investigado por uma delegação oficial de Jerusalém. A decisão foi alcançada, finalmente, pelo Sinédrio, a respeito das Suas afirmações messiânicas. O evento que deslanchou a afirmação do Sinédrio está registrado em Mateus 12:22: "Trouxeram-lhe, então, um endemoninhado cego e mudo; e, de tal modo o curou, que o cego e mudo falava e via".

No verso 22, Jesus expulsa um demônio que fez a pessoa controlada ficar cega e sem fala ou muda, significando que ela não podia falar.

O ato de expulsar demônios não era **completamente fora do comum no mundo judaico daquele tempo**. Até os rabinos fariseus e os seus seguidores tinham a capacidade de expulsar demônios. Mas, expulsar demônios dentro do modelo do farisaísmo judaico exigia que se usasse um ritual específico, o qual incluía três estágios:

Primeiro, o exorcista precisava estabelecer comunicação com o demônio, pois, quando o demônio fala, ele usa as cordas vocais da pessoa em que ele habita. Segundo, após estabelecer comunicação com o demônio, o exorcista teria de descobrir o seu nome. Terceiro, após descobrir o nome do demônio, ele podia, pelo uso daquele nome, expulsar o demônio.

Há **três ocasiões em que Jesus usou a metodologia judaica**, como em Marcos 5, quando Ele, ao ser confrontado com um demônio, fez a pergunta: "Qual é o teu nome?" A resposta naquela ocasião foi: "Legião é o meu nome porque somos muitos".

Contudo, havia uma espécie de demônio contra a qual a metodologia judaica era impotente, e este **era o tipo de demônio que fazia a pessoa ficar sem fala e muda**. E por não poder falar, não havia meio de estabelecer comunicação com esse tipo de demônio; nem, de maneira nenhuma, descobrir o seu nome. Então, dentro do modelo do Judaísmo, **era impossível expulsar um demônio mudo**. Contudo, os rabinos haviam ensinado que quando viesse o Messias, **Ele seria capaz de expulsar este tipo de demônio**. Este foi o segundo dos três milagres

messiânicos: a expulsão de um demônio sem fala ou mudo. No verso 22, esse era exatamente o tipo de demônio que Jesus expulsou. No verso 12:23, de Mateus, isso levantou a exata pergunta entre as massas judaicas, que o milagre pretendia levantar: “E toda a multidão se admirava e dizia: **Não é este o Filho de Davi?**”

Não seria este o Messias judeu? Afinal, Ele estava realizando exatamente as coisas que lhes foram ensinadas, desde a infância, **as quais somente o Messias poderia fazer**. Eles nunca fizeram esta pergunta, quando Jesus expulsou outros tipos de demônios. Mas, quando Ele expulsou um demônio mudo, os judeus levantaram a questão, porque reconheceram, pelos ensinamentos dos rabinos, que este era um milagre messiânico.

Contudo, as massas judaicas tinham sempre a tendência de agir conforme o chamado “complexo de liderança”. Qualquer que fosse o caminho que os líderes seguissem, com certeza as massas o seguiriam. Consequentemente, através do Antigo Testamento, quando o rei fazia aquilo que era correto aos olhos do Senhor, o povo concordava. Mas quando o rei fazia o que era mau à vista do Senhor, o povo também o seguia. Mesmo neste tempo, quando os crentes judeus testemunham aos seus contatos judeus, eles sempre escutam a mesma objeção: “Se Jesus é realmente o Messias, então **por que os nossos rabinos não acreditam nEle?**” Nos tempos do Novo Testamento, por causa do controle que o Judaísmo farisaico exercia sobre as massas, este complexo de liderança era extremamente forte. Desse modo, conquanto as massas judaicas estivessem levantando a questão: “Não é este o Messias judeu?” elas não estavam desejando assumir sozinhas a decisão.

A Resposta Judaica

À luz do segundo milagre messiânico e do questionamento das massas, os líderes judeus viram que era preciso fazer uma declaração pública sobre a sua decisão final a respeito das afirmações messiânicas de Jesus. Eles tinham duas opções: A primeira, declarar que Ele era o Messias, à luz de toda evidência. Ou, a segunda, que era rejeitar Suas afirmações messiânicas. Se eles assumissem a segunda opção e rejeitassem as Suas afirmações messiânicas, também teriam de explicar às massas judaicas o motivo Dele ser capaz de operar os exatos milagres que eles haviam dito que somente o Messias poderia operar.

Em Mateus 12:24, os fariseus escolheram a segunda opção: “Mas os fariseus, ouvindo isto, diziam: Este não expulsa os demônios senão por Belzebu, príncipe dos demônios”

Os fariseus escolheram a segunda opção e rejeitaram as afirmações messiânicas. Para explicar a Sua capacidade de operar aqueles milagres tão exclusivos, eles afirmaram que o próprio Jesus estava possesso ou demonizado não por algum demônio comum, mas por “Belzebu, o príncipe dos demônios”. O nome Belzebu é uma combinação de duas palavras hebraicas, que se juntam para significar “O senhor das moscas”. Esta se tornou a base da rejeição ao messianismo de Jesus: Ele não era o Messias, **mas apenas alguém possesso do demônio**.

Conquanto sua resposta ao primeiro milagre messiânico fosse o início da investigação, sua resposta ao segundo milagre messiânico foi a rejeição às afirmações messiânicas. Eles disseram que Ele não era o Messias, mas um possesso do demônio. Esta ação da liderança de Israel montou o palco para a história judaica dos 2.000 anos seguintes.

O Julgamento

Jesus respondeu de duas maneiras. A primeira resposta foi a de defender-Se quando citou quatro coisas em Mateus 12:25-29. Ele disse que a acusação deles poderia não ser verdade, pois significaria a divisão do reino de Satanás. A segunda, que eles mesmos reconheciam que o exorcismo era um dom do Espírito, e até mesmo os seguidores deles podiam expulsar demônios, embora não demônios mudos. A terceira, que este milagre autenticava Suas afirmações e Sua mensagem. A quarta, que isso mostrava que Jesus era mais forte do que Satanás, ao invés de sujeito a Satanás. A segunda resposta foi uma condenação, Mateus 12:30-37. Nesta condenação, Jesus disse que esta geração era culpada de um "pecado imperdoável", a blasfêmia contra o Espírito Santo. Uma vez que este pecado era exatamente imperdoável, o julgamento seria agora estabelecido sobre aquela geração, um julgamento que não seria aliviado sob circunstância alguma. Ele veio, quarenta anos depois, no ano 70 d.C., com a destruição do templo de Jerusalém.

O que é, exatamente, o pecado imperdoável, dentro do contexto em que ele se encontra? Ele não é um pecado individual, mas um pecado nacional; ele foi cometido pela geração dos judeus do tempo de Jesus e não pode ser aplicado às gerações seguintes dos judeus. **O conteúdo do pecado imperdoável foi: a rejeição nacional de Israel ao Messias Jesus, enquanto Ele estava presente,** com a afirmação de que Ele estava possesso do demônio.

As pessoas daquele tempo poderiam e conseguiram escapar desse julgamento, como aconteceu com o Apóstolo Paulo. Também não é um pecado que possa ser cometido hoje. Neste ponto, a Bíblia é muito clara. Independentemente do tipo de pecado que alguém cometa hoje, todo pecado é perdoável a todos o indivíduo que for a Deus através de Jesus. [N.T. - Se alguém não crê em Jesus, comete o pecado imperdoável, admitindo que o Espírito Santo é mentiroso, por testificar a divindade de Cristo]. A natureza do pecado é irrelevante. Todo pecado é perdoável para o indivíduo que vai a Deus através de Jesus, o Messias. Mas, para a nação como um todo, naquela geração particular, este único pecado tornou-se imperdoável.

Ao prosseguir este estudo, duas palavras chaves vão continuar aparecendo: "esta geração", porque esta geração foi culpada de um pecado exclusivo. Isto significava duas coisas. Primeira, que aquela geração do tempo de Jesus estava sob um julgamento, que não poderia ser aliviado e que resultaria na destruição do templo de Jerusalém, no Ano 70 d.C. Segunda, a oferta do Reino Messiânico

fora rescindida; e não seria estabelecida naquele tempo, mas seria novamente oferecida a uma posterior geração judaica - a geração do Milênio.

Em Mateus 12:38-45, são encontradas a resposta dos fariseus e a subsequente resposta de Jesus. No verso 38, os fariseus precisaram retomar a ofensiva: "Então alguns dos escribas e dos fariseus tomaram a palavra, dizendo: Mestre, quiséramos ver da tua parte algum sinal".

Eles foram a Jesus e Lhe pediram outro sinal, como se Jesus precisasse fazer alguma coisa para autenticar o Seu Messianismo. Ele havia operado toda sorte de milagres, desde o início do Seu ministério, incluindo os vários milagres que eles mesmos haviam rotulado como milagres messiânicos. Mesmo assim, eles rejeitavam Suas afirmações. Então, Ele disse que, por causa da sua rejeição, eles haviam cometido o pecado imperdoável e não mais receberiam sinais, exceto "o sinal do profeta Jonas", o sinal da ressurreição.

É pura verdade que Jesus continuou a operar milagres, mesmo após este evento, mas o propósito dos Seus milagres mudou. Já não era o mesmo propósito que houvera, até aquele tempo: servir de sinais para levar Israel a uma decisão referente às afirmações do Messias. Em vez disso, o propósito dos Seus milagres, a partir de então, foi o de treinar os doze apóstolos para o tipo da obra que eles precisariam realizar, por causa desta rejeição. Quanto à nação, não haveria mais sinais, exceto um: o sinal de Jonas, o sinal da ressurreição.

Tendo anunciado esta nova política referente aos sinais, Jesus prosseguiu com as palavras do julgamento, em Mateus 12:41-42, com ênfase sobre aquela geração: "Os ninivitas ressurgirão no juízo com esta geração, e a condenarão, porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis que está aqui quem é mais do que Jonas. A rainha do meio-dia se levantará no dia do juízo com esta geração, e a condenará; porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis que está aqui quem é maior do que Salomão".

Jesus deu o exemplo de dois elementos gentios do Antigo Testamento: os homens de Nínive e a Rainha de Sabá. **Estes foram gentios que tiveram somente uma porção da revelação; mas, corresponderam, com a luz que tinham.** No julgamento do Grande Trono Branco, estes gentios poderão estar a postos, para condenar aquela especial geração judaica, como culpada do pecado imperdoável.

As palavras do julgamento terminam com uma estória sobre demônios, nos versos 43 - 45. Não foi um demônio expulso, mas **um demônio que de sua livre vontade, saiu em busca de um lugar melhor para viver.** Ele o buscou, por algum tempo; mas, quando conseguiu encontrar algumas vagas, decidiu voltar à pessoa da qual fora antes expulso. Em seu regresso, ele o encontrou "desocupado, vazio e adornado". Ele novamente entrou no homem, mas já não querendo viver sozinho. **Então, convidou sete dos seus amigos para a ele se juntarem** e [quanto ao homem,] "o seu estado ficou pior do que o primeiro." No princípio, ele tinha apenas um demônio nele, mas porque ficou desocupado,

agora havia **oito demônios** habitando nele. No intervalo entre a primeira e a segunda habitação do demônio, o homem não foi habitado por nenhum outro espírito [além daquele constituinte dele próprio, claro], quer fosse o Espírito Santo ou um espírito demoníaco.

O que fora verdade para aquele indivíduo, seria verdade para aquela geração. Aquela geração começou com a pregação de João Batista, o qual anunciou a próxima vinda do Rei. Embora estivessem sob o domínio romano, eles mantinham uma identidade nacional com Jerusalém e o templo continuava de pé. Mas, 40 anos depois que estas palavras foram ditas, as legiões de Roma invadiram a Judeia, Jerusalém foi destruída e o templo derrubado, até que não restasse “pedra sobre pedra”. **O último estado desta geração tornou-se pior do que o primeiro.**

O ponto chave da estória, no final do verso 45 é: “Assim acontecerá também a esta geração má”.

RESUMO

Teríamos inúmeras cenas onde a profundidade dos gestos de Jesus transbordaria as páginas desta apostila. A cena do azorrague, quando Jesus vai de encontro aos cambistas dentro do templo, relacionara-se a todas as tradições conhecidas sobre os deuses das guerras, O partir do pão; o ato do lava-pés; a transformação da água em vinho no casamento em Caná da Galiléia; o momento em que a lança do soldado romano perfura ao coração de Jesus; o instante do Getsêmani,

A palavra getsêmani significa "prensa de azeite", ou seja, local de esmagamento para conseguir o suco da fruta. Era um jardim situado no monte das Oliveiras em Jerusalém hoje conhecida como Israel. Foi lá que Jesus cumpria —"Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando a sua alma se puser por expiação do pecado" (Isaías 53:10) — Mas o Senhor carregou nele o pecado de nós todos;

O getsêmani é quando acontece: " quando sua alma se puser em expiação do pecado" que marca a mudança final, o instante em que o abençoado, o desejado das nações se torna MALDITO. Ele assume as consequências de nossa maldição, e sente em sua alma, pela primeira vez na eternidade a opressão do pecado, a ausência divina, a tristeza, o medo da morte, a incerteza, a culpa. Esse é o instante em que algo que não compreendemos acontece na psique do Senhor. Como se um vínculo inquebrantável, um elo de unidade entre ele e o Pai, desconhecido pelo ser humano normal, descendente de Adão, se rompesse. É o instante em que Jesus percebe-se indistintamente humano. Somente humano. Apenas humano. Embora ainda unguido, ainda em comunhão com DEUS. Na descida do getsêmani ele recupera a orelha de um guarda do templo, cortada por Pedro, permanece cheio da sabedoria e da profecia até o último instante de sua vida na terra. Permanece pleno de sua natureza amorosa e justa. Mas, algo aconteceu. E foi DIFÍCILIMO ultrapassar este instante. É tão angustiante que ele sua sangue, que é necessário que um anjo seja enviado para o fortalecer.

Temos o instante em que Jesus caminha sobre o mar, repetindo o que o Espírito de Deus realiza em Genesis capítulo 1; o instante em que Jesus lê uma profecia sobre ele mesmo dentro de uma Sinagoga, parando EXATAMENTE antes da palavra DIA DA VINGANÇA:

Isaías 61:1, 2

61 O espírito do Soberano Senhor está sobre mim, Porque O Senhor me ungiu para declarar boas novas aos mansos. Enviou-me para curar os de coração quebrantado, para proclamar liberdade aos cativos E ampla abertura dos olhos aos que estão presos, para proclamar o tempo aceitável do Senhor, **e o dia de vingança do nosso Deus**, para consolar todos os que choram,

Porque o PERÍODO da PROFECIA que estava VIVENCIADO ia somente até “tempo aceitável do Senhor” que era justamente a manifestação da Graça através do seu ministério.

E assim

Ad infinitum.

Wellington José Ferreira